

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO

LETICIA JUSTINO DO NASCIMENTO

A PARTICIPAÇÃO DOS ASSISTENTES SOCIAIS NOS ESPAÇOS
PROMOVIDOS PELAS ENTIDADES DA CATEGORIA

SANTOS

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO

LETICIA JUSTINO DO NASCIMENTO

A PARTICIPAÇÃO DOS ASSISTENTES SOCIAIS NOS ESPAÇOS
PROMOVIDOS PELAS ENTIDADES DA CATEGORIA

Trabalho apresentado ao Curso de Serviço Social da Universidade Federal de São Paulo, Campus Baixada Santista, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Serviço Social, sob a orientação da Profa.

Dra. Priscila Fernanda Gonçalves Cardoso.

SANTOS

2015

LETICIA JUSTINO DO NASCIMENTO A PARTICIPAÇÃO DOS ASSISTENTES
SOCIAIS NOS ESPAÇOS PROMOVIDOS PELAS ENTIDADES DA CATEGORIA

Trabalho apresentado ao Curso de Serviço Social da Universidade Federal de São Paulo, Campus Baixada Santista, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Serviço Social, sob a orientação da Profa.

Dra. Priscila Fernanda Gonçalves Cardoso.

Aprovação em: ____/____/____

EXAMINADORAS:

Profa. Dra. Priscila Fernanda Gonçalves Cardoso
Universidade Federal de São Paulo

Profa. Dra. Maria Rosangela Batistoni
Universidade Federal de São Paulo Ao meu pai e
à minha mãe, pelo amor incondicional e ininterrupto
que me constrange e me emociona...

N244p

Nascimento, Leticia Justino, 1993-

A participação dos assistentes sociais nos espaços promovidos pelas entidades da categoria. / Leticia Justino do Nascimento ; Orientador: Profa. Dra. Priscila Fernanda Gonçalves Cardoso. – Santos, 2015. 69 f. ; 30 cm.

Trabalho de conclusão de curso (graduação)

—

Universidade Federal de São Paulo - campus Baixada Santista, Curso de Serviço Social, 2015.

1. Serviço Social. 2. Participação profissional. 3. Assistente social. 4. Entidades da categoria. I. Cardoso, Priscila Fernanda Gonçalves, Orientadora. II. Título.

CDD

361.3

AGRADECIMENTOS

Esse é um dos momentos mais aguardados (por mim) do TCC. Queria eu poder expressar o tamanho da minha gratidão através de palavras, mas sei que não será possível. Minha esperança é de que as palavras expressem ao máximo meu agradecimento e alegria em compartilhar esta vitória com as pessoas que de alguma forma fizeram parte deste processo.

Primeiramente a Deus, meu Pai Amoroso e Zeloso, por quem me senti cuidada em tempo integral nesta caminhada. Se consegui viver este processo até o final foi porque Ele me acompanhou, renovando minhas forças e meu ânimo. Muitas foram as vezes em que me senti incapaz, que tive dúvidas sobre se conseguiria terminar, mas o Senhor me mostrou através do Seu amor por mim que por mais aflição que eu passasse, por mais difícil que fosse, Ele estaria ao meu lado, com os braços estendidos a me abraçar sempre que eu quisesse. Nos momentos de agonia, senti a Paz que excede todo entendimento mencionada em Filipenses 4:6-7. A Ele toda glória e todo louvor pela conclusão desse trabalho!

Á minha mãe Estela, minha melhor amiga, por me oferecer colo nos momentos em que me senti esgotada, por me ouvir sempre que precisei, por se preocupar por mim mesmo quando eu dizia que não havia motivo. Sabe mãe, entendi um pouco mais do amor de Deus através da sua vida, um amor que a gente recebe sem merecer e faz toda a diferença! Obrigada por acreditar em mim mesmo quando eu mesma não acreditei, e afastar as dúvidas e os sentimentos negativos quando eu me desanimei. Por estar comigo nos diversos momentos difíceis que passei nesses 4 anos, e sempre me mostrar o quanto o futuro me esperava com lindas surpresas. Eu te amo muito!

Ao meu pai Urbano, pelo amor e sustento incondicional. Pai, preciso te agradecer por todo apoio que recebi e toda confiança depositada em mim. Admiro muito sua vida, ainda mais depois desses 4 anos, quando vejo o quanto você abriu mão do próprio conforto para me sustentar em Santos. Por torcer tanto por mim e

ver capacidade em mim quando eu mesma não vi. Espero um dia poder retribuir todo esforço e cuidado por mim. Você não tem noção de como fico feliz em te ver orgulhoso da filhinha que tem... Que cada passo meu traga orgulho e gratidão a Deus aos seus olhos!

Ao meu irmão Vinícius pelo companheirismo e apoio. Por continuar sendo meu parceiro mesmo a distância e pelas muitas conversas que tivemos nesse meio tempo, que me deram ânimo para prosseguir. Te agradeço por sempre me incentivar a continuar constante na minha busca e no meu compromisso com o Pai. Você também fez parte disso... E cunhadinha Lary, te agradeço pelo presente que você é na minha vida, se preocupando e orando por mim. Sua chegada encheu o nosso lar de alegria. Amo tu!

À minha avó Maria, por apesar das dores no corpo, ainda sim dobrar os joelhos pela minha vida. Vó: minha alegria é vê-la feliz pelo que tenho vivido. Gostaria eu de um dia ser metade da mulher que você é, forte e corajosa! Amo nossas conversas e os momentos que estamos juntas, que eles ocorram em maior número agora que estarei pertinho de novo.

À minha família, tios, tias e primos de São Paulo, Floripa e Bahia, pelas orações, torcidas e conversas no que diz respeito à universidade. Agradeço em especial à minha prima Raquel que estudou na UNIFESP e foi a que mais torceu pra que eu mantivesse a tradição na família, rs Nossas conversas influenciaram muito minha escolha!

Aos amigos-irmãos na fé. Aos queridos da Igreja Batista da Liberdade, igreja a qual frequento desde que nasci e na qual tenho servido ao Senhor. Liderança do Extreme Impact, sou grata a Deus pela honra de poder caminhar com vocês, por encontrar acompanhamento e irmandade em vocês. Liderança dos Jovens, pelos momentos juntos de pensar a nossa juventude. Agradeço ao Liber Jr. por alegrar minhas manhãs de domingo mesmo em meio às correrias. Ao Projeto UNT, pela confiança depositada e pelo privilégio de fazer parte de um trabalho tão especial e importante para a comunidade do centro de São Paulo. Aos irmãos e irmãs da

música, da adoração, do ministério de Intercessão. Aos amigos da JUBESP, pelos quais, mesmo em pouco tempo já desenvolvi um carinho enorme, e aos queridos da Presbiteriana do Butantã, por me receberem tão bem. À galera do dominó, pelas madrugadas muito divertidas de jogo. Aos parceiros da Ex Corde, os quais tenho alegria em chamar de companheiros para toda a vida.

Agradeço especialmente a vocês, por ouvirem meus choros e desabafos, por orarem mesmo sem eu pedir, por me acompanharem nas madrugadas de estudos e por me proporcionarem momentos inesquecíveis: Pri e Jaque, Carol Horvath, Dandy, DK, Gabi Fancio, Cris Volcov, Elida, Erikinha, Japa Jacqueline, Fê Lopes, Maikon, Oseias e Jean. As orações, as palavras de incentivo e ânimo, as preocupações por minha vida, cada gesto de carinho fez a caminhada menos solitária. Agradeço a Deus por me sentir tão amada por Ele através da vida de vocês!

À orientadora querida, amiga e exímia professora, Priscila Cardoso, que me acompanhou em toda a trajetória do trabalho, na iniciação científica e nas muitas aulas de FHTM. Pela paciência, incentivo e confiança. Sou grata pelos ensinamentos e por cada momento descontraído de convivência. Que tenha sido uma experiência muito agradável para você, assim como foi para mim. À leitora querida, e admirável professora Rosangela Batistone, a qual tem me acompanhado nos últimos 2 anos em Supervisão de Estágio. Suas instruções, conversas e reflexões propostas contribuíram em muito para a minha formação. Vocês são referenciais para mim, em força, alteridade e profissionalismo!

Aos parceiros da UNIFESP, pela amizade que suavizou as tensões acadêmicas e proporcionou momentos de construção e desconstrução. À turma 04 de Serviço Social – Vespertino por tantos momentos especiais. À turma de supervisão da professora Rorô, que propiciou tantos reflexões importantes e momentos de descontração. Por compartilharmos as agonias, dificuldades, facilidades, vitórias, tensões, cantorias e alegrias. Agradeço, especialmente:

Rebeca, Fran, Thi, Gui Zupo, Antonio Ricardo, Marines, Nehn, DA, Hellen, Rafaela, Bira, Lary Moraes, Moisés, Lucas Ávila e Soraia.

Às parceiras e amigas de República, pelas conversas, saídas e convivência essenciais à rotina e ao cotidiano que nos sufoca. Por tolerarem a minha dificuldade de concentração e entenderem sempre que eu precisei ficar quietinha no quarto lendo e escrevendo. Pelos aniversários comemorados, risadas, madrugadas acompanhadas, brigas de vizinhos presenciadas, gordisses e pelas emoções matando baratas e outros bichos santistas. Todos os momentos, bons e ruins, me trazem hoje lembranças muito positivas do tempo que moramos juntas. Agradeço muito a Deus por esta honra, queridas Robs, Ive, Ana, Tha, Renatinha, Tati e Paty.

Um agradecimento especial às amigas-irmãs e companheiras de curso Doroth e Flávia, por serem muito mais que colegas nesta caminhada. Que possamos nos encontrar muito ainda na nossa caminhada como profissionais de Serviço Social.

Vocês foram umas lindas de Deus nestes 4 anos!

E por fim, agradeço aos sujeitos de pesquisa, que através de suas contribuições tornaram este trabalho possível.

Assim diz o *Senhor*:

“Administrem a justiça e o direito:

Livrem o explorado das mãos do opressor.

Não oprimam nem maltratem o estrangeiro,

o órfão ou a viúva; nem derrame
sangue inocente neste lugar.”
(Jeremias 22:3)

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso discorre acerca da participação dos assistentes sociais em eventos promovidos pelas entidades de organização da categoria e sua relação com o cotidiano do exercício profissional. Os assistentes sociais supervisores de campo de estágio da UNIFESP participam destes espaços? Qual sua compreensão e opinião acerca destes eventos? Como veem a relação de sua participação (ou não) nestes espaços com sua atuação profissional? Tais perguntas, transformadas em objetivos, inspiraram o processo de pesquisa, tanto no que concerne ao levantamento do referencial teórico, quanto no que tange à realização da pesquisa de campo. Esta, foi efetuada em duas etapas, a partir de uma abordagem quantitativa e qualitativa: por meio da aplicação de um questionário online, respondido por doze assistentes sociais, e de três entrevistas. Os dados coletados foram analisados, evidenciando a importância destes espaços para os profissionais, apesar dos diversos fatores que aparecem como influenciadores da participação nos eventos. Assim sendo, essa pesquisa visa fortalecer o entendimento da importância da participação profissional dos espaços promovidos pelas entidades da categoria assim como também trazer elementos acerca desta participação.

Palavras-chave: Serviço Social. Participação profissional. Assistente Social.

Entidades da Categoria.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO I – Serviço Social, Cotidiano do Trabalho Profissional e sua Suspensão.....	1
6	
CAPÍTULO II – Entidades da Categoria e Espaços promovidos: expressão do projeto ético- político.....	26
2.1 As Entidades da Categoria.....	28
2.1.1 Conselho Federal de Serviço Social / Conselho Regional de Serviço Social.....	28
2.1.2 Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social.....	31
2.2 Os principais eventos promovidos pelas Entidades da Categoria e seu direcionamento político: o projeto ético-político da profissão.....	34
CAPÍTULO III – A participação dos assistentes sociais supervisores de campo de estágio da UNIFESP nos espaços promovidos pelas entidades da categoria.....	40

3.1 A Metodologia como percurso da pesquisa.....	40
3.2 A participação dos profissionais nos espaços promovidos pelas entidades da categoria.....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
REFERÊNCIAS.....	61
Apêndice A – Roteiro para o questionário.....	65
Apêndice B – Roteiro para a entrevista.....	67
Apêndice C – modelo de TCLE do questionário online.....	68
Apêndice D – modelo de TCLE das entrevistas.....	69

INTRODUÇÃO

É com grande alegria que introduzo o produto final de minha graduação, após uma caminhada de quatro anos de muitas emoções, descobertas, desconstruções, construções e superações. Além de apresentar o caminho trilhado pela pesquisa, apresento minha caminhada também.

Em meio a muitas dúvidas sobre em qual área do conhecimento me graduar, as circunstâncias da vida me levam a iniciar minha trajetória discente, aos 18 anos, no curso de Serviço Social da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Nova rotina, novas pessoas, novos estudos e nova cidade que misturaram o sentimento de medo com o desafio de mergulhar de cabeça em algo diferente.

O desafio se fez real, quando me senti inapta a dar conta de tudo que se exigia, na qualidade que eu gostaria de executar. O pouco contato com a sociologia e a filosofia no Ensino Médio me trouxeram grandes desafios, mas que não me impediram de seguir no curso e aprender muito.

A vivência do estágio curricular, o qual possibilitou o contato com o exercício profissional do assistente social, e minha atividade complementar como bolsista de Iniciação Científica pelo CNPq cujo tema foi: “Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais: Trajetória Histórica e Direção Política”, juntamente com o aporte teórico acumulado na graduação, determinaram a escolha do tema deste TCC. A experiência da Iniciação Científica me proporcionou um olhar diferente sobre algumas questões no estágio, o que me despertou o interesse de entender a participação dos profissionais de Serviço Social nos espaços promovidos pelas entidades da categoria, entendendo-os como importante oportunidade de reflexão teórica, atualização e organização coletiva da categoria. A primeira pergunta que suscitou foi: Os profissionais participam destes espaços?

A não atualização do profissional pode conduzi-lo a lógica de atuação agregada ao senso comum e destituída de reflexão e criticidade, podendo fortalecer vieses conservadores às atividades exercidas. A construção de conhecimento nesta área seria de grande importância, pois traria esclarecimentos sobre atualização dos profissionais e o envolvimento da categoria nos espaços de discussão da profissão.

A princípio, o interesse era de fazer o estudo com os profissionais da área da Saúde, já que eu, antes mesmo de entrar na Universidade, já gostaria de trabalhar na área, especificamente em um ambiente hospitalar. Porém, devido às dificuldades encontradas em estudos anteriores orientados pela docente responsável, (a quais se relacionam com a burocracia na área da saúde do município de Santos) decidiu-se abranger todos os campos de atuação.

Na intenção de se responder à pergunta que inicialmente me mobilizou proposta, o projeto de pesquisa foi desenvolvido. Porém, na construção do projeto de TCC define-se o objeto e os objetivos da pesquisa, expandindo-se a visão sobre a temática. Considerando minha vontade de discorrer acerca da importância da participação desses eventos promovidos pelas entidades da categoria, me propus, através deste estudo, a buscar responder às seguintes perguntas: Os profissionais de Serviço Social participaram dos espaços promovidos pelas entidades da categoria nos últimos 25 anos? Qual compreensão e opinião os mesmos têm sobre estes eventos? Eles veem relação entre participação nestes espaços e sua atuação profissional?

Assim, este trabalho teve como objetivo entender a participação dos assistentes sociais que atuam em diversas áreas no município de Santos nos espaços promovidos pelas entidades de organização da categoria nos últimos 25 anos, bem como entender a opinião desses profissionais sobre estes eventos e se os mesmos relacionam (ou não) esta participação com sua atuação profissional.

Para responder às perguntas mencionadas e atingir nossos objetivos, fizemos o seguinte caminho: No primeiro capítulo, para construir uma análise acerca da importância da participação dos espaços promovidos pelas entidades de organização da categoria, fez-se necessário realizar um breve resgate histórico do Serviço Social brasileiro, desde sua gênese até a atualidade, de forma a compreender o trabalho profissional hoje e sua concretização no cotidiano, o qual frequentemente sujeita a atuação a uma prática não reflexiva. Diante disso, apresenta-se a importância de o profissional ter momentos de suspensão desta cotidianidade. Neste sentido, apresentamos os espaços promovidos pelas entidades da categoria como possibilidade de tal suspensão.

O segundo capítulo foi construído baseado no entendimento de que para compreender a importância destes espaços, é preciso entender a importância das entidades que os promovem e que organizam a categoria. Diante disso, apresenta-se o histórico destas entidades assim como os principais espaços promovidos, os quais propiciam reflexões que apontam para a direção que a profissão dá a sua atuação, expressando o projeto profissional que a direciona. Assim, traz-se elementos sobre o atual projeto hegemônico na profissão, o projeto ético-político.

O terceiro e último capítulo aproxima o leitor da concretização do objetivo geral da pesquisa ao abordar a participação dos assistentes sociais do município de Santos nos espaços promovidos pelas entidades de organização da categoria. Sendo direcionado pelo referencial construído nos primeiros capítulos, destinou-se à descrição da metodologia e à análise dos dados coletados pela pesquisa de campo quali-quantitativa, realizada em duas etapas: Pela aplicação de um questionário online e de duas entrevistas. Como sujeitos da pesquisa, temos assistentes sociais supervisores de estágio de estudantes da UNIFESP.

Nas considerações finais corroboramos com a concepção de que a participação nos espaços promovidos pelas entidades é importante para a atualização, reflexão teórica e organização coletiva dos profissionais. Contudo, sem desconsiderar o que dificulta esta participação e nem entendê-la como a única forma de suspensão da cotidianidade, mas enquanto possibilidade, dentre outras, para esta.

Ao final dessa caminhada, chego com o sentimento de obstáculos ultrapassados, mas de “missão cumprida, mas nem tanto”, entendendo que a dimensão investigativa da profissão não se dá apenas na graduação, mas em todo o tempo da atuação profissional. Espero que esta pesquisa possa agregar conhecimentos acerca da participação dos profissionais e sua percepção quanto a importância de sua atualização e organização coletiva, colaborando com a criação de estratégias para os desafios que se colocam no cotidiano profissional.

CAPÍTULO I – Serviço Social, Cotidiano do Trabalho Profissional e sua Suspensão

Historicamente, nossa sociedade passou e tem passado por transformações no decorrer de sua existência, o que implica em transformações no trabalho e no interior das profissões inseridas nas diversas áreas do conhecimento. No Serviço Social, isto não se deu de forma diferente, mas acarretou em mudanças em sua forma de atuar, seus instrumentais, seu direcionamento, de forma a impactar todas as dimensões do trabalho profissional no dia-a-dia e cotidiano de sua atuação, mudanças estas que se dão até os dias de hoje. Desta forma, entendemos a necessidade de retomarmos o surgimento da profissão no Brasil para tratar do trabalho profissional do assistente social.

A trajetória do Serviço Social no cenário brasileiro teve início na emergência de se amenizar as manifestações da questão social no contexto de uma sociedade que começou a industrializar-se, principalmente em meados da década de 1930, sendo este legitimado e institucionalizado a partir dos interesses e necessidades da classe dominante e do Estado em intervir na questão social¹, em resposta à insatisfação e às reivindicações da classe trabalhadora.

As altas taxas de urbanização ocasionadas pelo processo de industrialização propiciam a migração e crescimento do proletariado urbano, assim como o desenvolvimento capitalista, numa lógica de exploração da mão-de-obra e acumulação. A intervenção do Estado fez-se necessária a partir do momento em que os trabalhadores começaram a se organizar em prol de melhores condições de vida e trabalho, de forma a “absorver e controlar esses novos setores que crescem aceleradamente a partir de sucessivos surtos de industrialização e da consolidação

¹ A questão social é “entendida como a expressão das desigualdades resultantes das relações provenientes da relação capital/trabalho[...]. Nas palavras de Cerqueira Filho (1982: 21) ela é “[...] o conjunto de problemas políticos, sociais e econômicos, que o surgimento da classe operária impôs ao

mundo no curso da constituição da sociedade capitalista. Assim, a '*questão social*' está fundamentalmente vinculada ao conflito entre capital e trabalho. (grifo do autor)" (CARDOSO, 2013: 98)

progressiva do polo industrial como centro motor da acumulação capitalista". (CARVALHO & IAMAMOTO, 2014: 249).

O momento brasileiro de urbanização e industrialização foi marcado pela concentração de terras, pela constituição de uma classe composta por aqueles que vendem sua força de trabalho, por uma emergência na modernização dos processos de produção e pela importação de mão de obra especializada europeia¹. A questão social se manifestou neste período através, principalmente, da exploração do trabalho, da fome, da violência, da miséria, entre outras formas.

A Igreja Católica, neste momento, assim como o Estado, também se posiciona frente à questão social vinculando-se ao mesmo na busca de soluções para os 'excessos' do capitalismo, propondo formas de humanizar a relação entre capital e trabalho. Vinculação esta que influenciará o processo de surgimento do Serviço Social, sendo este caracterizado como "desdobramento da Ação Social e da Ação Católica" (*ibidem*, 174) assim como resposta do Estado às manifestações da questão social.

Ao ter que dar respostas, o Estado cria as políticas sociais e as instituições por meio das quais estas políticas se concretizariam e se gestariam. Foi neste contexto que se abriram postos de trabalho para os profissionais de Serviço Social, pois tal conjuntura necessitaria de trabalhadores com mão-de-obra especializada para as novas atividades. A Igreja Católica, que vinha dando respostas por meio deste tipo de ação junto aos trabalhadores, começou a investir na formação para este tipo de trabalho, fundando a primeira Escola de Serviço Social.

É neste contexto que o Serviço Social surgiu e construiu sua identidade profissional, tendo como objeto de trabalho a questão social, a qual se apresenta a nós no conflito entre os interesses do trabalho e do capital.

1 "Ao trazer trabalhadores com experiência junto às máquinas, a nascente burguesia industrial brasileira importa, também, a organização desses trabalhadores que, já havendo vivenciado o processo de industrialização e urbanização na Europa, haviam experimentado seus impactos nocivos e construído uma identidade de classe que se expressou nas organizações sindicais fortemente articuladas com influência anarquistas e comunistas". (CARDOSO, 2013: 111)

Portanto, temos o Serviço Social como:

um tipo de especialização do trabalho coletivo, ao se constituir em expressão de necessidades sociais derivadas da prática histórica das classes sociais no ato de produzir e reproduzir seus meios de vida e de trabalho de forma socialmente determinada. (IAMAMOTO, 2008: 88)

Assim, é nesta perspectiva que o assistente social se constitui como classe trabalhadora na divisão sócio-técnica do trabalho, participando do processo de produção e reprodução das relações sociais. Se dá como social pois se relaciona diretamente ao processo de produção e divisão das classes sociais, e como técnica também por se referir ao tipo de trabalho realizado, podendo ser material ou intelectual (CARDOSO, 2013). Tal profissão necessita de formação de nível superior e se concretiza a partir da necessidade social do capitalismo de intervir nos conflitos que decorrem dos antagonismos entre os interesses das classes sociais no sistema capitalista.

Essa forma de existir da profissão marca um caráter contraditório inerente a ela. Essa contradição se dá no fato de que o profissional de Serviço Social é parte da classe trabalhadora, contratado pelo capital, mas para atender à classe trabalhadora diante dos interesses da burguesia. Ou seja, o assistente social atende sempre as necessidades das duas classes antagônicas ao mesmo tempo, tendo a possibilidade de fortalecer uma classe ou outra (*ibidem*). Ao se dar desta forma, a profissão pode fortalecer um ou outro polo, pois estabelece mediações um com o outro. Esta característica contraditória tem acompanhado o Serviço Social desde sua gênese, porém com diferentes formas de conduzi-la no decorrer dos anos². Sobre isso, CARVALHO & IAMAMOTO dirão que:

2 O Serviço Social como profissão emerge na sociedade capitalista em seu estágio monopolista, contexto em que a *questão social*, pelo seu caráter de classe, demanda do Estado mecanismos de intervenção não apenas econômicos, mas também políticos e sociais. Sua institucionalização relaciona-se assim à progressiva intervenção do Estado no processo de regulação social, momento em que as sequelas e manifestações da questão social se põem como objeto de políticas sociais, em dupla perspectiva: seja no sentido de garantir condições adequadas ao pleno desenvolvimento capitalista e seus processos de acumulação privada em benefício do grande capital monopolista; e, simultânea e contraditoriamente, no sentido responder, por vezes antecipar-se, às pressões de mobilização e organização da classe operária, que exige o atendimento de necessidades

A instituição Serviço Social, sendo ela própria polarizada por interesses de classes contrapostas, *participa, também, do processo social, reproduzindo e reforçando as contradições básicas que conformam a sociedade do capital, ao mesmo tempo e pelas mesmas atividades em que é mobilizada para reforçar as condições de dominação, como dois polos inseparáveis de uma mesma unidade.* (2014: 101, grifo dos autores).

Nos últimos 30 anos, a profissão, representada pelas entidades de organização da categoria, tem tido como opção política compreender esta contradição e se posicionar a favor do fortalecimento da classe trabalhadora. Em meio a esta contradição, o atuar do Serviço Social se dado sobre as manifestações da questão social, tais quais: a miséria, violência, fome, falta de moradia, falta de educação, falta de saúde, entre outras³. Destarte:

O assistente social atua nos processos relacionados à reprodução da vida, interferindo em situações sociais que afetam as condições concretas em que vive a população em geral e, sobretudo, os setores mais empobrecidos da sociedade objetivando melhorar estas condições, sob múltiplos aspectos. (YAZBEK, 2007: 17)

Isto posto, entende-se que a atividade profissional está diretamente relacionada à reprodução da força de trabalho e ao “processo de reprodução sociopolítica e ideo-política dos indivíduos sociais” (CARDOSO, 2013: 100). Ou seja, esta atividade interfere diretamente na reprodução das condições de sobrevivência da classe trabalhadora, sendo tal classe o público-alvo da atuação do Serviço Social.

As interferências realizadas pelo profissional nas situações sociais se dão através, principalmente, das políticas sociais, um dos instrumentos e meio pelo qual o Serviço Social se concretiza, no planejamento e execução de atividades por elas previstas, através do trabalho profissional nas diversas áreas de atuação.

sociais coletivas e individuais derivadas dos processos de produção reprodução social (grifo da autora). (RAICHELIS, 2011: 423)

3 “Vale ressaltar a importância da compreensão desses elementos como expressões da questão social e não como questões sociais. Ao entender a existência de uma única questão social, que é o próprio conflito entre o capital e o trabalho, percebemos que esta não é só a pobreza ou a desigualdade, mas todo o processo de reprodução e distribuição. Destarte, pobreza, fome, violência, são expressões desse processo mais amplo, que conforma o conjunto de problemas econômicos, sociais e políticos insolúveis separadamente ou na ordem do capital”. (CARDOSO, 2013: 98)

O Serviço Social como profissão intervém no âmbito das políticas sócio assistenciais, na esfera pública ou privada, desenvolvendo tanto atividades que envolvem abordagem direta com a população (entrevistas, atendimento de plantão social, visita domiciliar, orientações, encaminhamentos, reuniões, trabalho com indivíduos, famílias, grupos, comunidades, ações de educação e organização popular etc.), como trabalhos de pesquisa, administração, planejamento, supervisão, consultoria e gestão de programas sociais. (YAZBEK, 2007: 17)

Desta forma, o Serviço Social tem se colocado nos diversos espaços sócio ocupacionais das diversas áreas de atuação, a fim de intervir nas mais distintas expressões da desigualdade.

Esta atuação se dá muito concretamente na ação profissional, no uso de instrumentais e técnicas, no contato com a população e no conhecimento da realidade, o que diz respeito ao que chamamos de uma dimensão técnico-operativa⁴. Mas esta intervenção, também se baseia em uma determinada perspectiva ética e política, dotada de valores e intencionalidades, o que chamamos de dimensão éticopolítica⁵. Por fim, esta intervenção também tem por trás e se apoia em reflexões teóricas da realidade e em propostas metodológicas para essa realidade, o que diz respeito ao que chamamos de dimensão teórico-metodológica⁶.

O trabalho profissional, o qual atravessa estas três essenciais dimensões, se concretiza na vida cotidiana. E é nela que se dão as diferentes esferas da vida: familiar, estudantil, emocional, entre outras, inclusive profissional, de forma que não só o assistente social, mas o ser humano participe na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade e personalidade.

4 Segundo GUERRA (2012: 40), a “dimensão técnico-operativa é a forma de aparecer da profissão, pela qual é conhecida e reconhecida. Dela emana a imagem social da profissão e sua autoimagem. Ela encontra-se carregada de representações sociais e da cultura profissional. É a dimensão que dá visibilidade social à profissão, já que dela depende a resolatividade da situação, que, às vezes, é mera reprodução do instituído, e em outras constitui a dimensão do novo”.

5 “Ao fazer suas escolhas, no que se refere às finalidades estabelecidas e aos meios (condições, instrumentos e técnicas) para alcançá-las, *que resposta dar e em que direção*, o assistente social exerce sua dimensão ético-política, a qual se preocupa com os valores (de que valem as respostas dadas) e com a direção social das mesmas (que conjunto de forças está sendo contemplado nas respostas)”. (GUERRA, 2012: 56, grifo da autora)

6 “A dimensão teórico-metodológica nos capacita para operar a passagem das características singulares de uma situação que se manifesta no cotidiano profissional do assistente social para uma interpretação à luz da universalidade da teoria e o retorno a elas”. (*ibidem*, 2012: 54)

É neste cotidiano que o indivíduo tem sua socialização, onde assimila práticas, hábitos, normas de comportamento e costumes. Desta forma, neste cotidiano, o sujeito se relaciona com a sociedade, porém não desenvolve necessária e automaticamente sua consciência humano-genérica⁷, mas incorpora uma dinâmica voltada à sua individualidade. Esta percepção limitada ao ser singular não impede que o mesmo ponha em funcionamento suas paixões, motivações ou suas capacidades, mas restringe ao âmbito da singularidade (BARROCO, 2010).

Segundo HELLER:

A vida cotidiana é a vida de todo homem [...]. Ninguém consegue identificar-se com sua atividade humano-genérica a ponto de poder desligar-se inteiramente da cotidianidade [...]. No cotidiano os homens tanto adquirem quanto exercitam os seus conhecimentos, as suas habilidades, ideias, sentimentos [de modo que] é adulto quem é capaz de viver por si mesmo a sua cotidianidade. (2008: 17-18)

Logo, não é próprio deste cotidiano o acesso a esta consciência humanogenérica, pois a cotidianidade “se move em função do critério de utilidade prática das ações e não do desvelamento de seu significado”. (BARROCO, 2010: 39)

É neste cotidiano que a atuação profissional do Serviço Social se concretiza, sendo este, parte constitutiva do acontecer histórico, espaço em que se dá a reprodução dos indivíduos.

A vida cotidiana é o espaço de reprodução do trabalho do assistente social. As demandas típicas das instituições rebatem na dinâmica da cotidianidade, ganhando consistência, pois a heterogeneidade, a repetição, a falta de crítica, o imediatismo, a fragmentação, o senso comum, o espontaneísmo são atitudes típicas da vida cotidiana repetidas automaticamente em face da *burocracia* institucional. Ou seja, a burocracia favorece essa dinâmica. Contudo, não é necessário que seja assim. (BARROCO & TERRA, 2012: 73, grifo das autoras)

7 “Enquanto indivíduo, portanto, é o homem um ser genérico, já que é produto e expressão de suas relações sociais, herdeiro e preservador do desenvolvimento humano; mas o representante do humano-genérico não é jamais um homem sozinho, mas sempre a integração (tribo, demos, estamento, classe, nação, humanidade) – bem como, frequentemente, várias integrações – cuja parte consciente é o homem e na qual se forma sua “consciência de nós”. (HELLER, 2008: 36)

É esta vida cotidiana a esfera da vida social mais propensa à alienação⁸, sendo

“espaço da não criticidade, das respostas imediatas, da não reflexão, da alienação, do não aprofundamento, da volatilidade” (CARDOSO, 2013: 46), tendo em vista os mecanismos e demandas comuns ao cotidiano¹⁰. O pensamento cotidiano é pautado na opinião e em estereótipos, de forma a unir de maneira imediata pensamento e ação, com juízos provisórios sem criticidade.

No cotidiano do trabalho profissional, os assistentes sociais acabam por ser cobrados a dar respostas funcionais, visto a necessidade e exigência dos mesmos responderem aos fenômenos que se apresentam. Os altos níveis de imediatividade do cotidiano acabam por propiciar uma prática irrefletida, tomada pelo senso comum e, portanto, distante da elaboração teórica necessária a uma intervenção profissional detentora de ideais emancipatórios. Deste modo:

[...] o cotidiano profissional é pleno de requisições de cumprimentos de normas, regulamentos, orientações ou decisões de superiores, os quais impõem ao profissional a necessidade de respostas às mesmas. Neste contexto, a prioridade é responder aos fenômenos, não importa como, disto resultando um conjunto de respostas profissionais rápidas, ligeiras, irrefletidas, instrumentais, baseadas em analogias, experiências, senso comum, desespecializadas, formais, modelares, em obediência a leis e superiores, sem a qualificação necessária para distingui-las de respostas atribuídas por leigos. (GUERRA, 2012: 46)

Ou seja, o profissional de Serviço Social, trabalhador assalariado, tem sua ação dependente de meios e instrumentos que são colocados à disposição por seus empregadores institucionais, o que incide em uma autonomia relativa, por vezes não podendo definir as prioridades em sua atuação e nem o modo como a mesma se desenvolve (RAICHELIS, 2011), e muitas vezes se detendo em ações rotineiras e sem criticidade. Este quadro acompanha a atuação profissional desde sua gênese até os dias de hoje, em que o interesse das instituições na existência da profissão se dá no fato de que o assistente social responda aos interesses do Capital, sendo o espaço do cotidiano propício para tanto, sem a necessidade de espaços de reflexão

8 De acordo com NETTO: “A alienação [...] complexo simultaneamente de causalidades e resultantes histórico-sociais, desenvolve-se quando os agentes sociais particulares não conseguem discernir e

nos espaços sócio ocupacionais. Justamente por este cotidiano ser o espaço, segundo Heller (2008) da espontaneidade, da ultrageneralização, da imitação, da analogia e

reconhecer nas formas sociais o conteúdo e efeito de sua ação e intervenção; assim, aquelas formas e, no limite, a sua própria motivação à ação lhes aparecem como alheias e estranhas". (1981: 74) ¹⁰ Segundo GUERRA: "[...] mecanismos e demandas de hierarquia, imitação, espontaneísmo, probabilidade, pragmatismo, economicismo, o uso de precedentes, juízos provisórios, mimese, ultrageneralização, [...]" (2012: 48)

do uso de precedentes, caímos na possibilidade de uma prática não reflexiva, que se preocupando apenas com o efetuar das ações, torna-se tecnicista.

Cabe, portanto, entendermos como atividade profissional adequada, aquela que, trazendo sua dimensão técnico-operativa, não perca de vista seus valores éticopolíticos e nem seus referenciais teórico-metodológicos, de modo que as situações que se apresentam não sejam tratadas apenas como uma soma de fenômenos, mas sempre considerarmos suas relações e vínculos sociais, de maneira a interpretar a realidade singular à luz da universalidade da teoria, e em seguida retornar a esta realidade.

Desta forma, entende-se que os momentos em que o profissional consegue refletir sobre sua própria atuação, sobre o contexto em que ela se dá, assim como sobre as dificuldades que se colocam nela, são extremamente importantes. São nestes momentos de suspensão da cotidianidade que o assistente social tem a possibilidade de enxergar as demandas que se colocam a ele diariamente de forma não imediata e crítica.

[...] a "suspensão" da cotidianidade permite ao indivíduo enriquecer-se, tornar-se mais consciente e motivado por exigências que passam a ser incorporadas à sua individualidade. (BARROCO & TERRA, 2012: 72)

São nestes momentos de suspensão com o cotidiano profissional que se estabelecem vínculos humano-genéricos e se têm condições e possibilidades de genericidade, "consciência do ser homem total, em plena relação com o humano e a humanidade de seu tempo" (CARVALHO, 2007: 23). Neles, se propiciam reflexões

acerca das implicações sociopolíticas e relevância social da atuação do Serviço Social, além da afirmação dos valores éticos e princípios que direcionam o trabalho da profissão, sendo este vinculado a dado projeto profissional e de sociedade. Sobre isso NETTO dirá que:

“[...] o retorno à cotidianidade após uma suspensão [...] supõe a alternativa de um indivíduo mais refinado, educado [...]; a vida cotidiana permanece ineliminável e inultrapassável, mas o sujeito que a ela regressa está modificado.” (2007: 70-71)

Como afirmado, esta suspensão modifica o indivíduo que a ela se sujeita, supondo uma outra forma de entender a realidade e atuar na mesma. Mas como ela pode acontecer? De diferentes formas, a partir da vivência das diferentes práxis humanas. À prática dotada de reflexão ético-política e também entendida como forma de suspensão da cotidianidade, chamamos de práxis, uma atividade prático-crítica e humana que reflete sobre a própria ação e passa pelo processo reflexivo, não se constituindo parte da cotidianidade⁹ por ser consciente. Esta práxis é transformadora e refere-se às formas de objetivação do homem, onde o mesmo realiza sua teleologia e encontra condições para sua elevação ao humano-genérico.

A importância desta práxis como espaço de suspensão da cotidianidade é percebida no entendimento da realidade da atuação profissional, em que o mesmo se vê mergulhado em um cotidiano saturado dos interesses daqueles que o emprega e o contrata, nos diversos espaços sócio ocupacionais. A vivência das diferentes possibilidades de práxis aparece como momentos de respiro, em que o profissional sai de seu cotidiano e retorna ao mesmo de maneira mais crítica, reflexiva e não reprodutora de valores. Logo, é neste mesmo cotidiano que se dá a possibilidade de uma intervenção diferenciada. É no próprio cotidiano que se encontram as saídas para esta alienação, onde os processos emancipatórios também acontecem¹⁰.

9 Sobre isso, BARROCO expõe que: “Na medida em que, na vida cotidiana, o indivíduo expressa motivações heterogêneas, efêmeras, carregadas de espontaneísmo e repetição acrítica, não faz parte do cotidiano a profundidade, a amplitude e a intensidade necessárias às atividades em que o homem entra em contato com suas capacidades essenciais, ou seja, com sua capacidade de criar, transformar, escolher, valorizar de forma consciente. Por isso, a atividade cotidiana não é uma *práxis*.” (2010: 40)

10 “[...] embora o cotidiano seja o espaço da não criticidade, das respostas imediatas, da não reflexão, da alienação, é nele também que se coloca a possibilidade do descontentamento e da

Segundo CARDOSO (2013), a práxis enquanto vivência possibilitadora da ação ética e do sujeito ético pode se dar através de alguns instrumentos: a arte, a cultura, a educação, a política, o trabalho criador e a ciência (onde inclui-se a filosofia, sociologia, a reflexão teórica, entre outros)¹³. Instrumentos esses que possibilitam o reconhecimento do ser social para além da dimensão singular, dotada de individualismo, mas como ser humano-genérico.

Sobre isso, HELLER (2008: 42) dirá que “as formas de elevação acima da vida cotidiana que produzem *objetivações* duradouras são a *arte* e a *ciência*” (grifo da autora), sendo estas rompedoras com a tendência do pensamento cotidiano, a qual é orientada ao particular-individual.

Entendemos que esta elevação acima da vida cotidiana que Heller menciona pode ser possível através da participação nos eventos promovidos pelas entidades da categoria, os quais aparecerão como um importante espaço de suspensão da cotidianidade, propiciando momentos de discussão, reflexão e organização coletiva. Participar destes espaços conduzidos pelas entidades de organização coloca o assistente social em contato com minimamente duas dessas práxis: na possibilidade de reflexão teórica (ciência) e possibilidade da vivência política.

Sobre como as entidades da categoria organizam estes importantes espaços de suspensão da cotidianidade e como os mesmos se dão, discorreremos no próximo capítulo.

transgressão ao instituído socialmente. É na realidade e nos sujeitos que estão as respostas aos problemas colocados nessa realidade [...] é nessa mesma realidade, por dentro de suas contradições, que se coloca a possibilidade da construção de valores contra-hegemônicos (CARDOSO, 2013: 49) ¹³ A autora se apoia em HELLER (2008) e LUKÁCS (1978).

CAPÍTULO II – Entidades da Categoria e Espaços promovidos: Expressão do projeto ético-político

Demarcar a importância dos espaços promovidos pelas entidades de organização da categoria, assim como sua história no decorrer dos anos, implica apresentar o que é esta organização coletiva da profissão. Cardoso (2013) dirá que tal ação é abraçada e referenciada pela dimensão política da profissão.

Porém, para além desta dimensão, temos três outras relacionadas, não menos importantes, que se constituem como elementos dos projetos profissionais de toda e qualquer profissão. Portanto, elas todas são: dimensão ética, política, teóricometodológica e jurídica, manifestas “sob a forma da ética profissional, da organização política, da produção do conhecimento/propostas metodológicas e do aparato jurídicopolítico” (CARDOSO, 2013: 79), consecutivamente. A autora ainda discorre sobre a necessidade de entendermos estas quatro como compositoras de um projeto em sua unidade, a partir da relação entre as especificidades de cada uma e a totalidade desta unidade. Esta complementação forma o que chamamos de projeto profissional¹¹:

11 “Um projeto profissional não pode ser construído por um grupo de indivíduos que, a partir de seus projetos individuais, pensariam a profissão, mas deve ser gestado pelos sujeitos que a compõem. Nos fóruns de discussão e deliberação, espaços que garantam participação democrática de indivíduos de diversas áreas de atuação, de diferentes inserções geopolíticas e matizes ideológicos, esses sujeitos – profissionais, estudantes, professores, pesquisadores – aprovariam as

[...] os projetos profissionais apresentam a autoimagem de uma profissão, elegem valores que a legitimam socialmente, delimitam e priorizam os seus objetivos e funções, formulam os requisitos (teóricos, institucionais e práticos) para o seu exercício, prescrevem normas para o comportamento dos profissionais e estabelecem as balizas da sua relação com os usuários de seus serviços, com as outras profissões e com as organizações e instituições sociais, privadas e públicas (NETTO, 1999: 95).

Os projetos profissionais envolvem um grupo de indivíduos e evidenciam, cada um em suas especificidades, o posicionamento deste perante a sociedade, um projeto societário. Este projeto societário se configura como o maior dos projetos coletivos pois engloba as projeções para o conjunto da sociedade, podendo ser a favor da transformação ou conservação da ordem social. Destarte, qualquer projeto coletivo será sempre ético e político, e esta última característica envolve “a construção de meios para atingir sua finalidade” (CARDOSO, 2013: 76). Sobre esta dimensão política da profissão, concordamos com a autora quando ela entende que:

A dimensão política diz respeito, portanto, às estratégias formuladas pelo sujeito coletivo – a categoria profissional¹² - [...]. Refere-se, portanto, às respostas concretas dadas por determinada profissão diante das políticas sociais, econômicas, culturais e da realidade social, por meio das estratégias encontradas para a materialização de sua posição ética diante de cada conjuntura social e política. (CARDOSO, 2013: 80-81)

Ou seja, esta dimensão comporta toda ação coletiva desenvolvida pelo conjunto da categoria em resposta às demandas que se colocam pela sociedade, Estado e sociedade civil, através de sua organização. Aqui estão as entidades de organização da categoria enquanto instâncias político-organizativas¹³, que segundo

propostas, lutas, atividades a serem implementadas sob a coordenação de entidades representativas, eleitas por seus pares”

(RAMOS, 2005: 205)

12 Sobre categoria profissional, NETTO (1999: 95) dirá que: “[...] inclui não apenas os profissionais ‘de campo’ ou ‘da prática’, mas que deve ser pensado como o conjunto dos membros que dão efetividade à profissão. É através da sua *organização* (envolvendo os profissionais, as instituições que os formam, os pesquisadores, os docentes e os estudantes da área, seus organismos corporativos, acadêmicos e sindicais etc.) que um corpo profissional elabora o seu projeto” (grifo do autor).

13 “As instâncias político-organizativas envolvem os espaços coletivos de debate e deliberação das categorias profissionais, espaços estes responsáveis por consagrar os traços gerais de determinado projeto, fortalecendo sua hegemonia ou contribuindo para a construção de novas

Cardoso (2013: 81) “terão papel fundamental na constituição da identidade, articulação política e construção e respostas profissionais à sociedade”, além de direcionar e articular a categoria a partir de um dado projeto de profissão.

Estas entidades de organização da categoria têm promovido importantes espaços de construção e desconstrução, as quais, visando a discussão e reflexão dos profissionais acerca das principais temáticas que vão de encontro ao trabalho profissional. Apesar de serem espaços políticos, acabam tendo uma função formativa ao mesmo tempo, possibilitando o aprimoramento intelectual dos profissionais de Serviço Social participantes. Sendo assim, estes eventos contribuem para que os mesmos estejam aptos frente as demandas que se apresentam, em meio às transformações pelas quais a sociedade passa no decorrer dos anos.

No que se refere ao aprimoramento intelectual mencionado, o Código de Ética de 1993 possui dois princípios que o torna fundamental:

VII – Garantia do pluralismo, através do respeito às correntes profissionais democráticas existentes e suas expressões teóricas, e compromisso com o constante aprimoramento intelectual; [...]

X – Compromisso com a qualidade dos serviços prestados à população e com o aprimoramento intelectual, na perspectiva da competência profissional; (CFESS, 2012).

Desta forma, entendemos as entidades organizativas da categoria como grandes promotoras de espaços que visem uma articulação política e uma reflexão crítica (o que acaba resultando em um processo de aprimoramento). Estas entidades entendem a organização política como uma das formas de materialização (ou não) do projeto profissional, sendo o Código de Ética profissional expressão deste projeto.

Por isso, discorreremos acerca da trajetória histórica das duas entidades de organização da categoria responsáveis pelos assuntos referentes aos profissionais

hegemonias. [...] É por meio dos fóruns consultivos e deliberativos dessas entidades que são consagrados coletivamente os traços gerais do projeto profissional, onde são reafirmados (ou não) compromissos e princípios”.

(BRAZ & TEIXEIRA, 2009: 191)

de Serviço Social, sua importância no decorrer dos anos e seus principais espaços de discussão. São elas: Conjunto CFESS/CRESS e ABEPSS.¹⁴

2.1 As Entidades da Categoria

2.1.1 Conselho Federal de Serviço Social / Conselho Regional de Serviço Social

A partir da promulgação, em 1957, da primeira Lei de Regulamentação Profissional (Lei nº 3.252/1957), complementada após 5 anos pelo Decreto nº 994/1962, fica estabelecido, dentre outras previsões, que caberia ao Conselho Federal de Assistentes Sociais (CFAS) e aos Conselhos Regionais de Assistentes Sociais (CRAS) a disciplina e fiscalização do exercício profissional. (ABREU, 2012: 57).

Num contexto de transformações econômicas e sociais, a regulamentação da profissão dos assistentes sociais seguiu uma tendência de intervenção do Estado em meio ao fortalecimento do sistema econômico capitalista. Neste movimento, os conselhos profissionais surgem como instâncias de controle da profissão, como:

[...] frutos diretos do desenvolvimento capitalista, precisamente quando tal modo de produção passou a demandar a criação de formas interventivas do Estado sobre o conjunto das relações sociais. (BRAZ, 2007: 61)

Ou seja, ao serem criados, os conselhos possuem características e funções legalistas, burocráticas e controladoras, de forma a exercer o controle do Estado sobre as atividades de boa parte dos profissionais. Os primeiros espaços a serem promovidos propuseram discussões acerca das ações fiscalizadoras das entidades, a partir de 1966, nos Encontros Nacionais entre o Conselho Federal e os Conselhos

14 Nos deteremos às duas entidades referidas de forma a poupar a ENESSO de nossa exposição, por esta ser direcionada à organização dos estudantes de Serviço Social, o que não diminui sua extrema importância. Sabemos que a ENESSO também faz parte da organização destes espaços políticos da categoria (inclusive compondo a Comissão Organizadora destes eventos), o que dá evidências de tamanha importância, porém, devido ao fato de a pesquisa estar focada nos profissionais, optamos por debruçarmo-nos apenas em cima destas entidades referidas: CFESS/CRESS e ABEPSS.

Regionais, com o objetivo de aprimorar o desempenho do Conjunto em suas funções regulatórias.

As entidades de fiscalização, mesmo em meio ao processo de renovação em curso da profissão, mantiveram sua postura conservadora apesar de entender a necessidade de revisão e atualização da legislação profissional. Era isso que se esperava e se exigia dos Conselhos, entendendo a conjuntura propícia ao exercer deste tipo de papel, devido ao contexto ditatorial no Brasil.

Mesmo assim, a profissão começa a se rever. Foi neste movimento que, ao final da década de 1970, tivemos no Brasil o processo de rearticulação do movimento sindical. Algumas lideranças deste sindicalismo tiveram participação relevante no 3º CBAS, o qual ocorreu ano de 1979, o chamado “Congresso da Virada”, evento este em que a profissão tomará uma nova direção, inclusive no que diz respeito à concepção do papel fiscalizador dos conselhos.

A “virada” foi organizada pelas lideranças sindicais da época, que se contrapuseram ao conservadorismo tanto da forma quanto do conteúdo do evento. Percebe-se, pois, uma evidente contestação à posição política do evento, representada pela direção do CFAS, entidade organizadora do congresso. No plano externo, a “virada” do 3º CBAS explicitou um posicionamento político da categoria, sob a direção das entidades sindicais organizadas, afirmando-se como um marco histórico de compromisso político e coletivo da categoria com a classe trabalhadora. Internamente, evidenciou-se a insatisfação das entidades sindicais e da categoria com a direção político-organizativa do evento. (ABREU, 2012: 59)

A partir daí, deu-se início a um processo de renovação e revisão das atividades do Conselho, numa perspectiva ainda mais ampla de renovação do Conjunto e sua politização, de forma a acompanhar o processo de redemocratização pelo qual a sociedade brasileira passou a partir da década de 1980. Ao longo dessa década e da próxima o Conjunto empreendeu diversas ações voltadas à aproximação com a categoria e à construção coletiva, em resposta à nova direção que naquele momento se vinculou “às lutas gerais pela democratização da sociedade brasileira e à defesa das políticas sociais públicas, no contexto da revisão da Constituição brasileira” (*ibidem*, 60).

Em 1987 as entidades também passaram por um processo de democratização, onde decidiu-se pela realização das primeiras eleições diretas e livres para a direção do CFAS, expressando, deste modo, uma atitude claramente política.

Os novos Códigos de Ética de 1986 e 1993 demonstraram o posicionamento das entidades de negação do tradicionalismo do Serviço Social e a afirmação de um novo perfil profissional, além de um avanço expressivo da dimensão ética da profissão. A Lei de Regulamentação aprovada em 1993, junto ao novo Código de Ética profissional,

[...] assegurou à fiscalização profissional possibilidades mais concretas de intervenção, pois a lei definiu com maior precisão as competências e atribuições privativas do assistente social. (*ibidem*, 61)

É a partir da aprovação do Código de 1993 e da Lei de Regulamentação que se reconhece legalmente os Encontros Nacionais do Conjunto CFESS-CRESS como fórum máximo de deliberação da profissão, e se aprimora o exercício da fiscalização profissional através da elaboração de uma Política Nacional de Fiscalização (PNF) para o Conjunto.

Neste movimento, o novo projeto profissional que se propunha, o projeto éticopolítico da profissão, influenciou o destaque à efetiva incorporação da dimensão política da fiscalização por parte dos Conselhos. Esta fiscalização teve, a partir deste projeto, um direcionamento voltado “aos princípios da democratização das ações [...], da defesa e garantia das prerrogativas profissionais e da qualidade dos serviços prestados à população” (*ibidem*, 62), entre outros.

Hoje, as entidades de fiscalização do Serviço Social compreendem a construção da PNF para além de uma função normativa, mas como forma estratégica de consolidar ações, sejam elas éticas, políticas e/ou técnicas, de forma a fortalecer a hegemonia do projeto ético-político da profissão. Se organizam em

torno de três dimensões: afirmativa de princípios e compromissos conquistados; normativadisciplinadora e político-pedagógica¹⁵.

Sendo assim, os Conselhos da profissão, hoje, têm direcionado a categoria de maneira alinhada ao projeto profissional hegemônico e constituído espaços concretos de disputas e afirmação de projetos de sociedade. Atualmente, o conjunto é estruturado por uma entidade nacional, o Conselho Federal, mais 25 entidades regionais, os Conselhos Regionais, e mais duas seccionais de base estaduais, estes todos distribuídos pelo território nacional.

Embora o Conjunto CFESS/CRESS seja um órgão fiscalizador, tem tido um papel político importante nos últimos anos, na afirmação de “seu caráter político e educativo como eixo articulador das dimensões política, formativa e normativa da profissão”. (MARTINS, 2012: 13) e na contribuição, articuladamente com outras entidades, de interlocução crítica na elaboração de algumas políticas públicas, especialmente as relacionadas ao tripé da seguridade social¹⁶.

2.1.2 Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social

Uma década após a instalação do primeiro curso de Serviço Social no Brasil (a Escola de Serviço Social da PUC-SP), foi criada em 1946 a então denominada ABESS (Associação Brasileira de Escolas de Serviço Social), com o “objetivo precípua de impulsionar avanços nos processos da formação profissional” (KOIKE, apud: RAMOS, 2005: 90).

O primeiro currículo mínimo para o curso de Serviço Social foi aprovado após sete anos da criação da Associação, em 1953, e seria revisado apenas onze anos depois. O currículo vigente é revisado mais uma vez, tendo sua aprovação em 1970. Possuía claramente uma proposta curricular vinculada ao projeto profissional modernizador, hegemônico na época (CARDOSO, 2006).

15 Para mais, consultar Relatório de Deliberações do 26º Encontro Nacional do Conjunto CFESS/CRESS (1997) e anexos.

16 Saúde, Assistência Social e Previdência Social.

Os três currículos citados apresentavam uma vinculação à teoria positivista, de forma a apontar para uma prática de ajustamento e enquadramento social, numa ideia de formação e atuação em uma concepção ética conservadora.

A partir da Convenção de 1979 a entidade assumiu a tarefa de coordenar e articular o projeto de formação profissional, quando transformou-se em Associação Brasileira de Ensino de Serviço Social (mantendo a mesma sigla, ABESS). Criado em 1980, o CEDEPSS, Centro de Documentação e Pesquisa em Políticas Sociais e Serviço Social, intituiu-se para atender as demandas advindas do surgimento dos Programas de Pós-Graduação a partir de 1972.

Foi a partir de proposta discutida nesta Convenção tão marcante para a entidade, em 1979, que em 1982 foi regulamentado um novo Currículo Mínimo para o Serviço Social brasileiro. A intencionalidade de sua regulamentação se dá no entendimento de que a formação não se desconecta da realidade, ainda mais em um contexto de ascensão das lutas dos trabalhadores e redemocratização.

[...] o currículo mínimo de 1982 significou, no âmbito da formação, a afirmação de uma nova direção social hegemônica no seio acadêmicoprofissional,[...]. (BEHRING & RAMOS, 2009: 158)

Portanto, o currículo mínimo de 1982 marca o rompimento com o tradicionalismo e com o conservadorismo na formação profissional dos assistentes sociais.

A regulamentação deste currículo se dá como um significativo avanço para o Serviço Social na direção que o mesmo se propunha a seguir, cuja revisão culmina mais tarde na elaboração das Diretrizes Curriculares para o curso de Serviço Social, em que a ABESS teve um protagonismo irrefutável. Tais Diretrizes Curriculares consolidam a mesma direção social do Currículo de 1982, tendo sua aprovação pela categoria em 1996 e constituindo-se como um marco importante para a profissão, passando a ser a referência para todos os currículos do Brasil, embora a Comissão de Especialistas refaça o documento em 1999 e o MEC só o tenha aprovado como referência no ano de 2002.

É também na segunda metade da década de 1990, especificamente em 1998, que a entidade teve seu nome alterado para Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS), resultado de junção com o CEDEPSS. A justificação desta união se dá na defesa da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão e da articulação entre graduação e pós-graduação, entendendo que seria importante ter apenas uma entidade que coordenasse as discussões acerca da formação profissional.

Desta forma, hoje, a ABEPSS é uma entidade civil e sem fins lucrativos que visa consolidar e coordenar uma política de formação em Serviço Social, sendo sua estrutura organizada por uma direção nacional e seis direções regionais distribuídas pelo território brasileiro.

Atualmente, acompanhar a implantação das Diretrizes Curriculares tem sido um desafio constante para a ABEPSS, assim como a reconstrução permanente do projeto da formação profissional em Serviço Social em meio aos dilemas da sociedade brasileira. Desafio este se dá devido ao processo de implantação do neoliberalismo iniciado nos anos 1990, assim como a todas as suas consequências até os dias de hoje, em que destacamos a grande precarização do ensino, incidindo diretamente nos espaços educacionais e de formação. BEHRING & RAMOS, sobre isso dirão que:

[...] temos grandes desafios, em especial aqueles postos pela situação da universidade que rebatem na materialização do projeto de formação profissional, oriundos da lógica mercantil hegemônica no contexto de mundialização do capital. O fortalecimento do projeto de formação profissional e a atuação da ABEPSS na coordenação deste processo, não podem ser dissociados da análise da implementação de uma política governamental orientada por organismos multilaterais de fomento e financiamento (MENDES, 2004), que representa a materialização do projeto neoliberal na totalidade da vida social, incidindo, de forma particular, nos espaços educacionais e de formação profissional. (*idem*, 163-164)

Neste contexto, a ABEPSS tem a finalidade de contribuir para a definição da formação profissional em Serviço Social na perspectiva do projeto profissional hegemônico, de defender a educação de qualidade promovendo também espaços

de debate e reflexão, apostando na força do coletivo, da organização da categoria nesta direção.

2.2 Os principais eventos promovidos pelas Entidades da Categoria e seu direcionamento político: o projeto ético-político da profissão

Faz parte das atividades das entidades de organização da categoria propiciar espaços de reflexão, debate e exposição de experiências profissionais, de forma a divulgar e compartilhar a produção de conhecimentos no interior da profissão. Destarte, os eventos promovidos pelas entidades aparecerão como espaços de discussão, reflexão e construção coletiva, dando encaminhamentos que subsidiarão as entidades em seus planos, de maneira a envolver diversos segmentos da categoria profissional e proporcionar o adensamento do projeto de profissão que se propõe pelas entidades e está expresso nas legislações mais recentes do Serviço Social.

Destacaremos os seguintes: Encontro Nacional do Conjunto CFESS/CRESS, o CBAS (Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais e o ENPESS (Encontro Nacional de Pesquisadores de Serviço Social), já que estes se dão como os principais eventos promovidos pelas entidades, levando em consideração o número de profissionais participantes, o número de discussões propostas e de trabalhos apresentados, e no caso do Encontro Nacional do Conjunto CFESS/CRESS, por seu caráter deliberativo.

O Encontro Nacional do Conjunto CFESS/CRESS acontece hoje anualmente, em diferentes cidades brasileiras. Nele, o Serviço Social brasileiro define as estratégias e ações que estarão na pauta dos Conselhos durante o ano seguinte.

Neste sentido, o evento constitui um importante e essencial espaço deliberativo da categoria. Nele, conselheiros/as dos CRESS e Seccionais, assessores/as e assistentes sociais de base reúnem-se em debates, mesas e eixos temáticos. O evento teve sua primeira edição no ano de 1966, momento em que esteve em pauta

a discussão sobre a normatização da atividade profissional. Se deu em virtude da constatação, na época, da fragilidade da legislação vigente acerca das competências e atribuições privativas dos profissionais de Serviço Social.

Anterior ao acontecimento do Encontro, ocorre um processo em que se tiram os delegados de cada região que participarão dele, através das assembleias de base da categoria. Estes delegados têm o papel de representar suas regiões de origem. Além destes, participam também do encontro: palestrantes, assistentes sociais observadores/as eleito/as nas assembleias dos encontros regionais e convidados/as indicados/as pelos Conselhos Regionais e Federal. A cada edição é organizado pelo CFESS e CRESS organizador um relatório final sobre o Encontro, de forma a socializar a agenda de lutas de cada ano com toda a categoria profissional¹⁷.

O CBAS, Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais, pode ser considerado atualmente o evento majoritário da profissão no Brasil, reunindo o maior número de estudantes e profissionais de Serviço Social em um mesmo evento, sendo estes de diferentes níveis de experiência e formação e das mais diversas áreas de atuação e espaços sócio-ocupacionais. Atualmente, ocorre trienalmente e propicia um espaço em que se reúnem mais de três mil pessoas. É um importante ambiente de reflexão sobre a realidade social em que a profissão atua e se insere, sobre os posicionamentos dos profissionais de distintos períodos de formação e áreas de atuação, e sobre os projetos de *dever ser* que a profissão adota. Os debates e encaminhamentos oriundos do evento servem de referência às entidades que representam a categoria, na construção de suas ações.

O evento acontece em torno de apresentações de trabalhos, exposições e lançamentos de livros e debates, de forma a divulgar e compartilhar a produção do conhecimento do Serviço Social. A cada edição, seu tema central direciona as atividades no interior do evento, tema este que expressa a direção política que as entidades dão ao espaço, de forma a fazer relações entre o contexto em que o assistente social concretiza sua atuação e os desafios e enfrentamentos que se dão

17 O último relatório final desenvolvido, referente ao 43º Encontro, o qual aconteceu em 2014, pode ser acessado por este link: <http://www.cfess.org.br/js/library/pdfjs/web/viewer.html?pdf=/arquivos/43EncontroNacionalRelatorioFinal.pdf>.

no cotidiano profissional, através também de mesas e palestras. Se tratando de um espaço político-científico, aparece como espaço de formação e atualização profissional, o evidencia mais sua importância como referência às ações das entidades da categoria.

O ENPESS tem por objetivo socializar a produção de conhecimento da área de Serviço Social, de forma a propiciar debates sobre os temas emergentes no exercício da profissão, bem como sobre a formação profissional graduada e pós-graduada.

Ocorre bienalmente e em diferentes cidades e estados do país a cada edição.

O evento se dá através de conferências, colóquios, apresentações de trabalhos científicos por meio de sessões orais, mesas e exposições, lançamentos de livros/revistas e reuniões de trabalho. Também pode ser considerado espaço político, de atualização e formação, por propiciar o contato com a pesquisa na área de Serviço Social, através da socialização das construções teóricas do interior da profissão.

Os eventos promovidos pelas entidades propiciam espaços em que a categoria profissional tem a oportunidade de se organizar coletivamente, oferecendo ambientes de discussão acerca das diversas temáticas que englobam o Serviço Social e a realidade em que ele se dá como profissão. Além disso, estes espaços, historicamente, propõem reflexões que apontem para a direção que a profissão dá à sua atuação, expressando o projeto profissional que direciona a profissão, assim como, atualmente, faz relações com um projeto societário que aponta para uma nova ordem societária.

Podemos dizer que a construção do projeto profissional do Serviço Social, assim como outros projetos profissionais, decorre de ações coletivas da categoria profissional, por meio de sua organização que envolve diferentes sujeitos. No serviço social, por meio de sua organização, ou seja, das diversas entidades representativas, gestouse o que denominamos de projeto ético-político profissional. (ABREU, 2012: 62)

Ou seja, os princípios que aparecem nos espaços promovidos através das reflexões, discussões e debates, como liberdade, defesa intransigente dos direitos,

posicionamento a favor da equidade e justiça social, entre outros, fundamentam um dado projeto profissional.

Nos últimos 25 anos em que são promovidos estes espaços, o projeto profissional que tem direcionado as reflexões e posicionamentos da categoria nestes eventos e no Serviço Social é o chamado Projeto Ético-Político (PEP), hegemônico desde a década de 1990. Em um contexto de implantação do neoliberalismo no Brasil, expressa-se politicamente por uma vinculação à linha anticapitalista, em que a categoria vive intensos momentos de reorganização. O PEP se deu como continuidade ao Projeto de Ruptura, o qual teve sua hegemonia entre as décadas de 1980 e 1990, no contexto de renovação de Serviço Social. A partir daí até os dias de hoje, a profissão se pauta numa perspectiva emancipatória explicitada no compromisso com a classe trabalhadora e vinculada aos movimentos sociais, atuando na formulação, planejamento e execução de políticas públicas, numa perspectiva de defesa e ampliação dos direitos da população, tendo como referência teórica o materialismo histórico-dialético.

O Serviço Social brasileiro contemporâneo apresenta uma feição acadêmico-profissional e social renovada, voltada à defesa do trabalho e dos trabalhadores, do amplo acesso à terra para a produção de meios de vida, ao compromisso com a afirmação da democracia, da liberdade, da igualdade e da justiça social no terreno da história. Nessa direção social, a luta pela afirmação dos direitos de cidadania, que reconheça as efetivas necessidades e interesses dos sujeitos sociais, é hoje fundamental como parte do processo de acumulação de forças em direção a uma forma de desenvolvimento social inclusiva para todos os indivíduos sociais. (IAMAMOTO, 2009: 18)

O contexto em que hoje o PEP se dá é marcado pela financeirização (como modo de estruturação) da economia mundial e mundialização do capital, em que são priorizadas as políticas governamentais favorecedoras da esfera financeira em detrimento dos gastos sociais. São marcas deste processo, segundo CARDOSO (2013: 196):

[...] a desestatização das empresas com sua privatização e transnacionalização; a redução dos gastos públicos com menos investimento nas políticas e serviços sociais, tendo como consequência a privatização dos serviços sociais; a desregulação das relações trabalhistas, retirando-as da esfera pública e

condicionando-as ao mercado; os processos de terceirização da força de trabalho e sua consequente precarização; a desproteção social da classe trabalhadora e a perda de direitos sociais.

Este quadro econômico, social e político traz novas determinantes à produção e reprodução da questão social na cena contemporânea, com particularidades no Brasil, onde se estabelece o “aumento do desemprego crônico, a flexibilidade das condições e relações de trabalho, além do desmonte dos sistemas de proteção social” (IAMAMOTO, 2006: 111). A concentração de riqueza é realidade para uma parte mínima da sociedade, o que não ocorre sem que, em contrapartida, a maioria expressiva desta sociedade viva um contexto de miséria e pobreza. Esta relação, em que o mundo do trabalho se dá como componente central, sustenta a questão social.

O Estado, espaço de contradições, vem representando a classe dominante, de modo a ter o papel de sustentar as relações de produção e a estrutura de classes, sendo conivente com o agravamento da exploração e das desigualdades sociais. Nesta conjuntura, será exigido do profissional de Serviço Social, na perspectiva do PEP, qualificação para “realizar um trabalho complexo social e coletivo, que tenha competência para propor, negociar com os empregadores privados ou públicos, defender projetos que ampliem direitos das classes subalternas, [...]” (RAICHELIS, 2011: 427). Sendo assim, sobre o PEP, podemos concordar com NETTO na afirmação de que:

A dimensão política do projeto é claramente enunciada: ele se posiciona em favor da *equidade* e da *justiça social*, na perspectiva da *universalização* do acesso aos bens e serviços relativos aos programas e políticas sociais; a ampliação e a consolidação da *cidadania* são postas explicitamente como condições para a *garantia dos direitos civis, políticos e sociais das classes trabalhadoras*. Em decorrência, o projeto se reclama radicalmente *democrático* – vista a democratização enquanto *socialização da participação política e socialização da riqueza socialmente produzida* (NETTO, 1999: 105, grifo do autor).

Destarte, em seu cotidiano o profissional de Serviço Social faz o exercício político de apontar para a “autonomia, a emancipação e a plena expansão dos indivíduos sociais” (BRASIL, 2012) através de suas ações, realizando

enfrentamentos, escolhas e criando estratégias de trabalho que exijam dele a compreensão do projeto profissional que direciona sua atuação. Nesta visão, não há dúvidas de que o PEP do Serviço Social brasileiro se vincula a um projeto que contribui para uma transformação societária, já que nossa atuação se incumbe de uma direção social que favorece outro projeto societário. E esta direção aparecerá nas diversas formas de intervenção no cotidiano, desde as mais simples às mais complexas, expressando a dimensão política com a qual a atuação se compromete.

Assim sendo, os espaços de suspensão da cotidianidade se dão como importantíssima opção aos assistentes sociais de exercerem sua criticidade e se aproximarem das discussões acerca da direção social e política dada pelo PEP através de sua participação, principalmente aos profissionais que não retornando a faculdade, buscam possibilidades de reflexão teórica afim de otimizar sua atuação frente as demandas provindas da realidade.

CAPÍTULO III – A participação dos assistentes sociais supervisores de campo de estágio da UNIFESP nos espaços promovidos pelas entidades da categoria

A análise aqui realizada visa contribuir no entendimento da compreensão e opinião dos Assistentes Sociais que atuam nos diversos espaços sócio ocupacionais do município de Santos acerca dos eventos realizados pelas entidades de organização da categoria, assim como apreender como os mesmos veem a relação de sua participação (ou não) nestes espaços com sua atuação profissional. Para isto, explicitar-se-á a metodologia empreendida neste e para este processo, de forma a tecer considerações acerca da pesquisa.

Neste capítulo exporemos as referências metodológicas utilizadas, a forma como o processo de pesquisa se desenvolveu e os resultados a que chegamos, tanto no que diz respeito sobre a participação dos profissionais nestes eventos como a relação que fazem com sua atuação.

3.1 A Metodologia como percurso da pesquisa

A pesquisa aqui referida parte de uma abordagem quantitativa e qualitativa. Foram escolhidas formas combinadas de aproximação da realidade, no objetivo de acessar e conhecer os sujeitos, sendo a pesquisa de campo realizada em duas etapas: através da aplicação de um questionário online e da realização de entrevistas.

A pesquisa bibliográfica acompanhou-nos ao longo de todo o estudo, já que seu objetivo não se limitou em apenas elucidar dúvidas ou questões que suscitaram, mas também propiciou novas indagações e questionamentos. Os elementos encontrados forneceram subsídios à pesquisa de campo, bem como à sua análise.

Diante do tema da pesquisa¹⁸, foi de exímia importância trazermos elementos acerca do próprio Serviço Social, sua concretização no cotidiano e o quanto momentos de suspensão da cotidianidade são necessários, já que se dão como

18 A participação dos assistentes sociais nos espaços promovidos pelas entidades da categoria.

possibilidade de organização coletiva, reflexão teórica e aprimoramento. Entendendo os espaços promovidos pelas entidades de organização da categoria como possibilidades dessa suspensão, expusemos sobre a história destas instâncias político-organizativas, assim como os principais eventos organizados por estas. A partir disso, trouxemos sua importância como expressão do projeto profissional atualmente hegemônico, o projeto ético-político. Para tanto, fomos buscar autores do próprio Serviço Social e também das Ciências Sociais como: Abreu, Cardoso, Guerra, Heller, Yamamoto, Netto, entre outros. A partir desta pesquisa bibliográfica foi possível construir os instrumentais do questionário e das entrevistas.

A primeira parte da pesquisa de campo se deu por meio da aplicação de um questionário online.

Pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado, etc. (GIL, 2008: 121)

O questionário autoaplicado por meio digital nos possibilitou um alcance maior dos respondentes em um menor tempo.

Para tanto, tivemos acesso à lista dos Supervisores de campo de estágio do curso de Serviço Social da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). De uma relação de 155 nomes, apenas 68 profissionais tinham seu endereço eletrônico mencionado. Destes 68 profissionais, 53 receberam o questionário por e-mail e 15 não receberam a mensagem, segundo o próprio servidor, por motivo desconhecido. O questionário online também foi enviado a 12 docentes supervisores acadêmicos do curso de Serviço Social da UNIFESP¹⁹. O instrumento de pesquisa teve a intenção de detectar se os Assistentes Sociais participaram dos espaços promovidos

19 Inicialmente pensou-se em trabalhar com os supervisores acadêmicos também e, no processo, após discussão em orientação, compreendeu-se que os sujeitos centrais seriam os supervisores assistentes sociais que exercem sua atividade profissional em outros espaços que não a Universidade. Refletiu-se que diante do objeto a ser estudado, o espaço acadêmico necessitaria de outras mediações para sua compreensão, visto que este tem outras peculiaridades e em si, apresenta maiores possibilidades de reflexão e suspensão, bem como, impulsiona a participação dos docentes em eventos.

pelas entidades da categoria nos últimos 25 anos como também compreender a opinião dos mesmos sobre estes espaços.

O questionário online foi composto por perguntas fechadas divididas em dois eixos: Perfil Pessoal/Profissional e Participação dos Espaços. O eixo de Perfil Pessoal/Profissional contou com perguntas como: 'Nome', 'Data de Nascimento', 'Email', 'onde cursou e quando se formou', se 'fez alguma pós-graduação e 'onde e há quanto tempo atua'. Já o eixo de Participação dos Espaços contou com questões que abordaram tanto a participação como a compreensão e opinião sobre eventos de organização coletiva²⁰.

Este questionário online esteve disponível para preenchimento durante três semanas, período em que foram enviados três e-mails pedindo a colaboração dos profissionais e esclarecendo os objetivos da pesquisa. Foi informado nestes três emails que a resposta ao questionário seria considerada como assinatura ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), disponível em anexo. Doze assistentes sociais o responderam, o que representa 22,64% dos contatos enviados. As respostas obtidas foram analisadas, e a partir delas pudemos fazer importantes considerações que dariam subsídio para a próxima etapa, de formar a desenvolver critérios para a escolha dos profissionais participantes da entrevista.

O instrumento de coleta de dados escolhido para a segunda parte da pesquisa de campo foi, portanto, a de entrevista. Segundo GIL (2008: 110)

Pode-se definir entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação. [...]. Enquanto técnica de coleta de dados, a entrevista é bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, crêem, esperam, sentem ou desejam [...].

Com base nas respostas obtidas pelo questionário online, escolheu-se dois assistentes sociais de forma intencional para as entrevistas, visando a diversidade

20 O roteiro do questionário online encontra-se anexado ao presente trabalho.

de perspectivas e compreensões. Uma entrevista foi realizada com uma assistente social que não gostou de participar dos eventos promovidos pelas entidades de organização da categoria, que os considera pouco importantes e distante da realidade do cotidiano profissional. O outro entrevistado foi um assistente social que gostou de participar dos eventos promovidos pelas entidades da categoria, os considera importantes e acredita que os mesmos propiciem elementos que contribuem para a atuação.

Elaborou-se um roteiro de entrevista semi-estruturada, de forma a partir de perguntas pré-estabelecidas abertas, o qual foi construído a partir da análise dos questionários aplicados. Este roteiro procurou propiciar uma reflexão acerca dos espaços organizados pelas entidades, da atuação dos profissionais em meio ao cotidiano, do projeto que direciona esta atuação e como tudo isso se relaciona²¹.

Haja vista os caminhos percorridos por esta pesquisa, analisemos os aspectos apreendidos neste processo. Para efeitos da análise, optou-se por trazer conjuntamente os elementos apresentados nas respostas dos questionários e aprofundados através das duas entrevistas. Realizou-se a análise do conteúdo agrupando-se as respostas em eixos temáticos que contribuíssem no desvelamento das questões que se colocam desde o início desta investigação.

3.2 A participação dos profissionais nos espaços promovidos pelas entidades da categoria

Apresentemos inicialmente o perfil dos sujeitos pesquisados. Contamos com a participação de doze respondentes, onde 75% foram mulheres e 25% homens. Os participantes se formaram em Serviço Social majoritariamente na década de 1990 e nos anos 2000, em universidades particulares (75%), em sua maioria da Baixada Santista (50%), e dentre os doze, dez deles (83,3%) possuem pós-graduação. A maioria atua em Santos (66,6%) e em instituições públicas (83,3%).

21 O roteiro das entrevistas aplicadas, assim como o questionário online, também se encontra anexado ao final deste trabalho.

Diante da reflexão teórica até aqui construída e da intencionalidade do estudo, tecemos quatro eixos de análise para este processo: a identificação da participação nos espaços promovidos pelas entidades da categoria, os motivos da não ou pouca participação dos espaços, a compreensão e opinião acerca dos espaços e a relação dos espaços com a atuação profissional.

A. A identificação da participação nos espaços promovidos pelas entidades da categoria

Acerca da participação dos profissionais nos espaços promovidos pelas entidades da categoria, as respostas advindas do questionário aplicado aos doze assistentes sociais revelaram que uma maioria de 83,3%, o que corresponde a dez assistentes sociais, já participaram de eventos promovidos pelas entidades, sendo apenas dois profissionais (16,6%) os que disseram nunca terem participado.

Ressaltamos a identificação de um percentual alto de participações por parte dos profissionais nos espaços promovidos pelas entidades, questão essa que inicialmente inspirou esta pesquisa, imaginando que este poderia ser um percentual baixo, diante do observado no processo de estágio.

Os profissionais que nunca participaram tiveram sua formação entre a metade final da década de 1980 e metade inicial da década de 1990, o que dá aos mesmos mais de vinte e sete anos de formação. O que percebemos em comum é que ambos se formaram em uma mesma faculdade particular de Santos e atuam em seus respectivos espaços sócio-ocupacionais há vinte anos. Perguntamo-nos, pois: quais as formas que estes profissionais buscam de se atualizarem e de realizarem momentos de reflexão teórica e política? Tal questão nos fez refletir sobre a importância de aprofundar aspectos deste estudo, pensando quais as maneiras que os profissionais buscam realizar momentos de suspensão de seu cotidiano que possibilitem reflexão crítica e aprofundada sobre a realidade.

As perguntas realizadas, através do questionário online, acerca dessa identificação foram: “Já participou de algum espaço promovido pelas entidades da categoria?” e “Se sim, marque a alternativa”, onde demos a opção de marcar o nome

dos principais eventos promovidos pelas entidades, assim como mencionar outros espaços.

Entre os espaços de participação comentados estão o CBAS, o Encontro Nacional do Conjunto CFESS-CRESS, o ENPESS, além de encontros regionais, seminários, reuniões, oficinas, palestras e cursos promovidos pelo CRESS da região, tendo essa participação se dado pela última vez majoritariamente dos anos 2000 aos dias de hoje (66,6%), de forma a termos ainda o número de quatro profissionais (33,3%), um terço dos profissionais respondentes, que não participaram (16,6%) ou não se recordam da última vez que estiveram em algum espaço (16,6%), já que esta participação se deu há muitos anos atrás.

O evento com maior número de participação dos profissionais foi o CBAS, já que cinco (41,6%) dos doze já participaram de alguma edição. Como exposto anteriormente, o CBAS é o maior evento da profissão, concentrando o mais alto número de profissionais em um mesmo espaço, evento este com características mais próprias de participação de profissionais, com uma diversidade de discussões e reflexões acerca da atuação profissional e o contexto em que esta se dá. Este evento se dá diferentemente do Encontro Nacional do conjunto CFESS-CRESS que se relaciona mais com participação política, e também de forma distinta do ENPESS, que é considerado um evento de viés acadêmico.

Sobre estes dois espaços, a pesquisa nos revela que dos doze assistentes sociais respondentes, três (25%) já participaram do ENPESS e quatro (33,3%) participaram do Encontro Nacional do conjunto CFESS-CRESS em algum momento. Logo, identificou-se um número razoável de profissionais participantes, o que afirma a importância destes dois espaços, mesmo que com características distintas do evento majoritário da profissão, o CBAS, o que evidencia a importância da participação se dar também em eventos que aproximem os profissionais da academia e possibilitem uma vivência política da categoria.

B. Os motivos da não ou pouca participação dos espaços

Mesmo que a maioria dos profissionais já tenha participado de espaços promovidos pelas entidades, identificamos que se comparado ao tempo em que os mesmos estão formados, essa participação se deu poucas vezes. Metade do número total dos profissionais, o que equivale a seis assistentes sociais, participaram entre uma ou duas vezes e apenas dois (16,6%) participaram quatro vezes ou mais. Identificamos dois motivos para a pouca ou não participação (16,6% dos respondentes, como já exposto anteriormente) dos espaços promovidos pelas entidades da categoria, motivos estes que contemplam a maioria dos profissionais: não encontrarem nesses eventos mais amplos identidade com suas áreas de atuação e terem dificuldades objetivas/financeiras para participarem.

O primeiro motivo encontrado para a pouca ou não participação é o de não identificação com as temáticas propostas ou não identificação dos espaços mais amplos com o cotidiano profissional.

Como eu trabalhava em empresa, ela tinha que ter um tema voltado muitas vezes para uma atividade que você desenvolve dentro do Serviço Social de empresa. E muitos dos assuntos não tinham esse foco, então a nossa participação fica limitada em função disso [...] existem vários campos de trabalho do Serviço Social, então, muitas vezes não atende a área que você está desenvolvendo o trabalho (Viviane²⁵, dezembro de 2015).

Viviane, assistente social empregada em empresa, menciona a limitação que encontra em participar de espaços que não estejam diretamente relacionados ao campo em que atua. Em outra resposta dada, demarca que o direcionamento dos eventos à condição central de existência da questão social, e não tanto da manifestação desta questão social sobre o qual sua atuação particularmente se dá, limitam sua participação por não se relacionar à prática do cotidiano do seu trabalho. Sobre isso e também a relação da participação nos espaços com a atuação profissional, a profissional afirma que:

[...] muitas vezes ela não tem um envolvimento direto [com a participação dos eventos]. Por quê? Como te falei, às vezes os eventos

têm focos [...] para as várias questões sociais²². Muitas vezes essas questões não estão dentro da sua prática do dia a dia do seu trabalho [...] muitas vezes tem envolvido muito o aspecto daquela questão do modelo econômico. Capitalismo (Viviane, dezembro de 2015).

Entende-se, a partir das respostas obtidas, que por vezes o profissional de Serviço Social encontra limitações advindas das próprias instituições empregadoras, as quais, em algumas situações, não reconhecem a importância dos espaços promovidos pelas entidades se estes não tiverem como tema a área que o/a assistente social atua, de forma a não entender como importante a participação em eventos mais amplos. Assim como, também, como é a situação da profissional Viviane, percebe-se que não tem a compreensão de que a discussão de temáticas comuns a todas as áreas de atuação não tem sua importância diminuída por não assumir apenas uma área ou temática.

Sobre a questão dos eventos com temáticas específicas, sete profissionais (58,3%), ao responderem acerca de sua participação em eventos não promovidos pelas entidades (em meio a nove assistentes sociais que dizem participar destes eventos, o que equivale a 75% dos respondentes) citam ter participado diversas vezes de espaços outros, relacionados a temas mais específicos de seu campo de atuação, como saúde pública, saúde mental e sócio jurídico, como o Congresso Brasileiro Interdisciplinar de Atuação das Defensorias Públicas, o Congresso de Saúde Mental em Manaus, entre outros. Assim como também espaços locais e regionais, como a participação de Conselhos Municipais e eventos direcionados à categoria de assistentes sociais da região metropolitana da Baixada Santista, como o EASBAS (Encontro de Assistentes Sociais da Baixada Santista).

Tenho participado mais dos eventos da área de atuação em saúde mental (Romilda, novembro de 2015).

22 Entende-se aqui que a profissional se refere às manifestações ou expressões da questão social.

Tal apontamento pode significar a preferência dos profissionais em participar de espaços locais e regionais ou que abordem temáticas específicas, preferência esta que pode se dar por diversas causas, entre as quais pontuamos a provável necessidade de escolher-se participar de alguns ou poucos espaços, mediante as dificuldades encontradas para tanto, as quais terão menção a seguir. Nisto, entendemos a importância de as entidades da categoria proporem também e mais frequentemente espaços que abordem determinadas temáticas de forma específica, referentes às diversas áreas de atuação do Serviço Social. Percebe-se que é algo que os profissionais solicitam e necessitam, e que, ao mesmo tempo, não exclui o espaço como forma de suspensão da cotidianidade.

Um segundo motivo encontrado se expressa nos apontamentos dados por dez profissionais, número que corresponde a 83,3% do total, por meio de uma pergunta de múltipla escolha, em que afirmam encontrar dificuldades para participar dos eventos promovidos pelas entidades. Aparecem como as duas dificuldades mais frequentes: as cidades em que os eventos acontecem (58,3%), o que exige do profissional arcar com sua locomoção e estadia, e o preço a ser pago para a participação destes eventos (50%). Aparecem também como outras dificuldades, a indisponibilidade de tempo (41,6%), a não informação de quando os espaços ocorrem e a dificuldade em conseguir dispensa no trabalho (ambas aparecem como resposta de 16,6% dos profissionais). Uma assistente social ainda aponta:

Dificuldade de conciliar com vida pessoal (Mariana, novembro de 2015).

Diante das respostas obtidas dos assistentes sociais, percebemos que questões relacionadas a vida pessoal, condição financeira, acesso a informação, entre outros, influenciam na participação dos profissionais nos espaços promovidos pelas entidades da categoria.

A primeira dúvida que levantamos acerca das dificuldades expostas é se os profissionais têm tido condições financeiras para investir na participação destes eventos, o que está diretamente relacionado ao quanto é pago ao profissional pela venda de sua força-de-trabalho. Sabe-se que estes eventos acabam por ocorrer em diversas cidades, por vezes longe de onde o profissional reside, e exigem o

pagamento de uma inscrição que financie seu acontecimento, o que propicia diversos gastos como locomoção, alimentação, estadia e o próprio pagamento por sua participação. Se os assistentes sociais não receberem o bastante para se sustentar, ter seu lazer, por vezes arcar com o sustento das pessoas com as quais reside, e ainda investir na vivência destes espaços, de certo estarão impossibilitados de participar de qualquer evento. Por outro lado, vale pensar também se a participação nestes espaços tem sido realmente compreendida pelos profissionais como necessária à sua atuação já que se dão como suspensão do cotidiano e, conseqüentemente, se os mesmos entendem o custeio desses espaços como algo importante a se realizar.

A segunda dúvida se relaciona ao tempo disponível para que se dê esta participação. De acordo com as declarações obtidas, ocorre de o profissional estar envolvido em atividades na vida pessoal que ocupam parte do seu tempo, como a dedicação com a família, por exemplo, o que acaba por ser comum já que a profissão se constitui por uma grande maioria de mulheres e, em nossa sociedade, esse ainda é um papel em geral assumido prioritariamente pelas mulheres. Na necessidade de participar-se destes eventos nos horários de trabalho, os profissionais podem encontrar dificuldades em conseguir dispensa no trabalho, já que, por vezes, os assistentes sociais se veem sobrecarregados, com um número de atribuições e demandas que não corresponde à quantidade de profissionais necessários ao serviço. Neste contexto, as instituições podem resistir à dispensa dos profissionais, entendendo que a participação dos profissionais nos espaços traria prejuízos relacionados aos recursos humanos necessários ao funcionamento dos serviços.

A terceira dúvida que pontuamos é se as informações acerca do acontecimento destes eventos têm chegado aos profissionais e com antecedência, de forma que os mesmos possam se programar para participar. Cabe aqui procurarmos entender de que formas a informação pode ser enviada e ter o máximo de profissionais que a recebam, e se esta divulgação de fato expressa a importância de os profissionais participarem e ocuparem estes espaços.

Levando todas estas questões em consideração, resta ainda nos perguntarmos: os profissionais já construíram uma “cultura” de participação? Compreendem esta como fundamental em sua trajetória profissional? Veem sentido e priorizam tal participação?

C. A compreensão e opinião acerca dos espaços

O percurso teórico-metodológico realizado até aqui se deu na perspectiva de entender os espaços promovidos pelas entidades da categoria como importante forma de atualização, organização coletiva e reflexão teórica, de modo a propor uma suspensão da atividade e do pensamento cotidiano, o qual por vezes se dá acriticamente.

Sobre a opinião dos profissionais e a importância que os mesmos dão a esses eventos, identificamos cinco grupos de respostas.

O primeiro, representado pelos profissionais que foram e gostaram dos espaços e que entendem os mesmos como extremamente importantes, é composto por cinco assistentes sociais, o que equivale a 41,6% do total de respondentes.

Seguem as respostas destes profissionais acerca disto:

Nós, os profissionais que estamos na prática, temos a necessidade de constantes atualizações, pois a dinâmica social está em constante movimento e é muito importante acompanhar as transformações do cotidiano profissional (Jéssica, novembro de 2015).

[...] no que diz respeito aos espaços de nossa categoria (CFESS, CRESS e etc.), penso que com a crescente onda conservadora em nossa categoria, esses espaços são de grande valia para reafirmarmos a hegemonia de nosso projeto ético-político, assim como debatermos sobre condições de trabalho e qualidade da formação dos profissionais. (Ana Paula, novembro de 2015).

Contribui para capacitação e manter o profissional atualizado junto a toda categoria (Roberto, novembro de 2015).

Nos faz refletir sobre a profissão, avanços e dificuldades (Eliana, novembro de 2015).

Agrega novos conhecimentos (Fabrício, novembro de 2015).

Percebe-se o entendimento dos mesmos sobre a importância dos espaços, e como os mesmos contribuem para o seu cotidiano. A afirmação de Jéssica faz relações com a visão de totalidade na atuação, enquanto Ana Paula entende a necessidade da reafirmação do projeto profissional o qual se expressa através dos eventos promovidos pelas entidades. Os outros profissionais ressaltam a possibilidade de atualização através dos espaços.

O segundo grupo é composto por dois assistentes sociais (16,6%), os quais gostaram parcialmente dos eventos e os consideram importantes para a categoria. Nota-se que ambos tiveram boas experiências na maioria das vezes que participaram, porém acreditam que estes espaços possam ser aprimorados. Mesmo assim, fazem considerações positivas acerca dos espaços:

Eu acho que é vital a participação nos eventos promovidos pelas entidades que representam a nossa categoria profissional. [...] acho que a categoria, na representação dos Conselhos tem pautado discussões vitais para a nossa sociedade [...]. Eu creio que é fundamental que o profissional tenha espaços para promover, pra poder discutir e ampliar as suas indagações, construir certezas e desconstruir certezas, então é vital a participação desse profissional com a sua organização nos conselhos e por onde mais tiver. Eu só não sei se a estrutura dos conselhos como estão permite de fato a participação e a comunicação com os profissionais [...] (Samuel, dezembro de 2015).

O terceiro grupo constitui-se dos dois profissionais (16,6%) que nunca participaram de espaços promovidos pelas entidades. Ambos afirmam encontrar dificuldades relacionadas a questões objetivas e financeiras em sua participação, como o valor a ser investido e o tempo necessário. Ainda assim, consideram os eventos importantes e acreditam se tratar de espaços que propõem discussões acerca dos interesses da categoria e se comprometem com a atualização profissional.

Compõem o quarto grupo, dois assistentes (16,6%) que já participaram dos espaços, mas que não consideram ter tido uma boa experiência, entendendo os eventos como pouco importantes para a categoria. A afirmação de um dos profissionais evidencia este posicionamento:

Acho um tanto quanto sem finalidades definidas (Beatriz, novembro de 2015).

No quinto e último grupo, localizamos a assistente social que não responde sobre seu gostou ou desgosto referente aos eventos, pela razão de, segundo ela, ultimamente só participar de eventos que tratam apenas e diretamente de seu campo de atuação.

Fica evidente, através das respostas ao questionário e entrevistas que a maioria dos profissionais considera os espaços promovidos pelas entidades de organização da categoria importantes para a atualização, troca de informações e capacitação pois oferece discussões e reflexões acerca da profissão, ainda que dois dos respondentes tenham uma opinião diferente. Porém, a importância dada aos eventos pelos próprios profissionais se contradiz quando comparada à não, pouca ou inconstante participação dos mesmos. Sobre isso, levantamos dois pontos.

O primeiro diz respeito ao entendimento da importância dos espaços promovidos, mas uma possível não participação frente às dificuldades encontradas para tanto, as quais já foram mencionadas no tópico anterior. O segundo é este mesmo entendimento da importância destes eventos, mas a não existência de uma “cultura” de participação, necessária para que haja certa constância e frequência.

Logo, a maioria dos profissionais legitimam esses espaços e nossas entidades, o que parece contraditório com outras respostas obtidas quanto a participação destes mesmos assistentes sociais e quanto ao que veremos a seguir, sobre a relação com o cotidiano profissional.

D. A relação dos espaços com a atuação profissional

O último eixo de análise dos dados coletados pela pesquisa realizada em campo diz respeito a entender sobre a relação vista (ou não), pelos assistentes sociais, de sua participação nos espaços promovidos pelas entidades da categoria e sua atuação profissional.

Quando os profissionais foram perguntados, através do questionário, acerca dos espaços em sua relação com o cotidiano de trabalho, uma maioria de oito assistentes sociais (66,6%) respondeu acreditar que os eventos propiciam elementos que contribuem para esse cotidiano, enquanto três assistentes sociais (25%) dizem estar distantes da realidade do cotidiano profissional, e um assistente social afirma não conseguir avaliar por nunca ter participado.

Uma das respostas dadas por uma assistente social trouxe a ideia de uma relação parcial com o cotidiano, em que por não tratar um campo de atuação específico, o espaço se torna desvinculado da realidade de atuação do profissional:

Sempre são relacionados à atuação profissional. No entanto, existem vários campos de trabalho do Serviço Social, então, muitas vezes não atende a área que você está desenvolvendo o trabalho. [...] às vezes desvinculado da realidade do contexto que você atua (Viviane, dezembro de 2015).

Nesta afirmação percebemos que a profissional não compactua com a ideia de que, ainda que os espaços tratem de temáticas referentes a todos os campos de atuação, tragam reflexões acerca de situações que se colocam na atuação profissional de forma geral, incluindo a dela. Sobre isso, outro assistente social contribui com um pensamento diferente, entendendo os eventos como propiciadores de elementos que contribuem para a atuação profissional no cotidiano. O profissional, em sua fala, faz menção a questões pontuais que são refletidas nos espaços:

Os temas presentes nesse debate [...] transcende a nossa categoria, mas permeia o nosso cotidiano de atendimento. [...] Nós vivemos em uma conjuntura específica com muita complexidade, dentre elas o próprio processo de privatização das políticas públicas é a construção de um projeto político pra minimizar e acabar com qualquer noção de direito e cidadania. E esse é um dos principais campos da nossa atuação. [...] O debate da discussão sobre a questão ética. Não a ética legalista, reduzida, posta nos códigos de ética no geral, mas entender a ética no seu movimento histórico. Então assim: ter essa postura no cotidiano faz toda a diferença pra você e pra quem você atende. Não cair na cilada das 'receitinhas de bolo' que no cotidiano, no cansaço, eu conheço muita gente que faz. [...] o debate no cotidiano tem que ser permanente. Acho que a gente poderia aproveitar melhor as organizações de categoria para ampliar esse debate. (Samuel, dezembro de 2015).

Entendemos que a maioria dos temas abordados nas discussões e reflexões propostas nos espaços promovidos transcendem as áreas de atuação do Serviço Social, o que não diminui sua importância em propiciar momentos de suspensão do cotidiano, de criticidade. Logo, percebemos que talvez alguns profissionais não consigam apreender as mediações existentes neste processo, ou seja, não percebam tais discussões mais amplas e possibilitadoras de reflexão da realidade como um todo, como parte daquilo que fazem também.

Discussões acerca das formas de dar-se respostas às diversas manifestações da questão social têm relação direta com a profissão como um complexo de especificidades, já que a questão social é considerada razão de existir da profissão e sem ela não há sentido para a atuação profissional (NETTO, 2001). Esta questão social só tem supressão possível com a superação da ordem capitalista.

A questão da temática desta ordem do capital aparece nas afirmações da profissional Viviane, quando ela cita a questão da defesa de um novo projeto societário. Segundo ela, o tema se expressa muito frequentemente nas discussões, porém não se relaciona com seu cotidiano profissional, desta forma, vendo discussões acerca dele como algo negativo. A assistente social apresenta este motivo para considerar os espaços pouco importantes e, portanto, ter participado poucas vezes.

[...] a gente precisa não ficar se batendo em coisas que a gente não consegue dar respostas ou fazer uma modificação. [...] muitas vezes tem envolvido muito o aspecto daquela questão do modelo econômico. Capitalismo... que a gente quer mudar, valorizando as questões marxistas. Mas a gente está nesta condição capitalista [...] (Viviane, dezembro de 2015).

Entendemos não ser apropriado ao profissional que o mesmo tenha uma postura messiânica quanto a suas possibilidades de mudança, de rompimento com o já dado, de modo a crer que a profissão tem a transformação societária como algo privativo dela e que a realidade do mercado profissional, no qual inserimo-nos como trabalhadores assalariados, não nos oferece limites. Porém, também não podemos nos deter em um pensamento fatalista de que o profissional não possa fazer nada sobre isso, como se essa transformação fosse utópica e impossibilitada pelo poder

de uma realidade dada, pois esta ideia pode incorrer em um agir profissional acomodado em meio a uma sensação de impotência. O entendimento da realidade social como contraditória e a possibilidade de fortalecer-se um ou outro polo da relação capitaltrabalho é que diz respeito ao nosso posicionamento político. (CARDOSO, 2013).

Sobre este posicionamento, encontramos em uma das maneiras de concretização da dimensão jurídico-política do nosso projeto de profissão, o nosso Código de Ética de 1993, um princípio fundamental:

VIII. Opção por um projeto profissional vinculado ao processo de construção de uma nova ordem societária, sem dominação, exploração de classe, etnia e gênero; (BRASIL, 2012)

Se entendemos que os eventos promovidos pelas entidades da categoria expressam a direção dada pelo projeto ético-político, compreendemos o porquê de os espaços propiciarem reflexões acerca de tal projeto social contra-hegemônico. Tal projeção societária se dá entendendo que a ordem do capital que hoje está dada não comporta o fim da exploração da força-de-trabalho e da opressão, e portanto, não contempla a direção proposta pelo projeto profissional do Serviço Social hoje hegemônico. É importante destacarmos que as respostas profissionais dadas às demandas advindas da realidade social “estão vinculadas a projetos de sociedade, que no limite, reforçam um dentre os dois movimentos mais genéricos: o de manutenção ou o de ruptura com a ordem social vigente” (GUERRA, 1998: 290).

Em meio ao conflito em que se dá entre nossa projeção profissional e a realidade capitalista em que se dá a atuação, a profissional Viviane comenta sobre a possível frustração profissional diante da conjuntura, e o desânimo em ter sua atuação apontada para a contra hegemonia:

Então parece que a gente fica contra a maré, a gente fica remando contra a maré no ideal que não se torna possível e aí você pode ficar até meio frustrado profissional, porque você não consegue fazer a divisão igualitária pra todo mundo, então isso causa um certo desconforto pra você diante da sua realidade, que é capitalista. (Viviane, dezembro de 2015).

Além do desconforto citado pela profissional, percebe-se também, muitas vezes, processos de adoecimento. A esse respeito, o assistente social entrevistado Samuel trouxe uma perspectiva e relação com as discussões e reflexões desenvolvidas nos eventos promovidos pelas entidades de organização da categoria. O mesmo afirma que os espaços, ao propiciarem momentos de debate e conhecimento científico acerca dos assuntos que circundam nossa atuação, propiciam uma condição aos profissionais de estarem menos sujeitos ao adoecimento e à alienação:

[...] acho que a formação, o conhecimento científico nos ajuda, o debate nos ajuda, [...] tem uma dimensão do nosso processo de adoecimento, da não percepção. Eu como venho de uma boa formação marxista, compreendo isso sobre a perspectiva da alienação, e que o profissional não está fora [...] O que eu posso te dizer é que eu tenho uma presença cotidiana e crítica sobre a minha reflexão e o meu trabalho. Talvez eu consiga adoecer menos por perceber a conjuntura que estamos [...]. (Samuel, dezembro de 2015).

Logo, a participação em debates e discussões acerca das temáticas se apresentam como real momento de suspensão do cotidiano, suspensão da não reflexão, de modo que o trabalho profissional do dia a dia, em sua propensão à não criticidade, propõe pensar-se sobre a atuação do próprio profissional, não só das demandas ou temas abordados em seu trabalho, mas a forma como ele faz relações com a totalidade da realidade social, necessária a uma prática que antes de qualquer intervenção, entenda o indivíduo em suas relações sociais, dotado de cultura, história e experiências. Ao se dar assim o trabalho profissional, o assistente social Samuel diz se sentir satisfeito com sua atuação, já que estabelece enfrentamentos ao cotidiano que tende a “engolir” e que não se aprofunda nos enfrentamentos e reflexões:

[...] é muito compensador, [...] mediante uma conjuntura que tá te atropelando, tá te afogando numa correnteza que você não consegue chegar na margem, quando você consegue reagir, quando você consegue produzir diferente, por sua crítica, por seu conhecimento, por sua percepção diferente. Posso dizer que tenho verdadeiros gozos quando consigo fazer isso dentro de uma conjuntura muito difícil. (Samuel, dezembro de 2015).

Os espaços promovidos pelas entidades de organização da categoria aparecerão como possibilitadores da criticidade, do aprimoramento intelectual e da atualização, de forma a propiciar posicionamentos adversos ao senso comum, o que segundo o profissional traz um sentimento de contentamento com sua atuação.

Reafirma-se, portanto, a importância dos espaços promovidos pelas entidades, espaços estes de suspensão da cotidianidade, os quais expressam o direcionamento dado pela profissão em quaisquer que sejam os campos de atuação que os assistentes sociais se insiram. A participação nestes espaços propõe experiências aos profissionais que impactem diretamente em seu modo de atuar, visando uma intervenção qualificada que se subsidie pelos princípios defendidos hoje pela profissão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na busca pela construção deste estudo, um longo percurso foi percorrido até aqui. Uma pergunta se deu como ponto de partida: Como se dá a participação (ou não) dos assistentes sociais nos espaços promovidos pelas entidades de organização da categoria nos últimos 25 anos e que impactos desta participação o profissional percebe em sua atuação profissional? Subsidiando-se pelo aporte teórico construído por meio da pesquisa bibliográfica e pelos dados coletados por meio da pesquisa de campo, os quais posteriormente foram analisados, pode-se afirmar que ela se dá, porém de forma pouco assídua, já que são diversas as formas de se pensar sua importância e relação com a atuação profissional no cotidiano.

Observou-se que os profissionais, em sua maioria, participaram dos espaços promovidos pelas entidades nos últimos 25 anos, assim como também participaram de eventos promovidos por outros órgãos, entidades ou instituições, e esta participação se deu mais recentemente.

Percebeu-se que a compreensão e opinião que os assistentes sociais possuem acerca dos eventos é muito heterogênea, mas também que hegemonicamente os mesmos acreditam que os espaços propiciam elementos que contribuem para o cotidiano profissional, apesar de alguns demonstrarem achar que não contribuem para seu campo de atuação, por dificilmente serem específicos de uma área ou outra, mesmo que dentro do Serviço Social.

Evidenciou-se ainda que, existe o entendimento dos espaços promovidos como de real importância à categoria profissional, mas que a participação dos assistentes sociais fica limitada por diversos motivos.

Conclui-se que os profissionais reconhecem a importância dos eventos, já que estes oferecem momentos de reflexão sobre o trabalho profissional, sobre o cotidiano que, visto as condições de trabalho postas ao assistente social, sujeita o mesmo à resolução das demandas imediatas de modo a, por vezes, realizar intervenções estritamente paliativas. Porém, alguns sujeitos não visualizam sua relação com o cotidiano, mesmo que os espaços ofereçam discussões extremamente carregadas dos princípios fundamentais que a profissão, direcionada pelo Código de Ética, defende, o qual é expressão do projeto profissional hegemônico hoje no Serviço Social.

O que se pode afirmar, a partir da análise dos dados empíricos, é que estes sujeitos possuem dificuldades em perceber a relação entre a reflexão teórica e a realidade de seu cotidiano, se não houver relação direta com seu campo de atuação. Ou seja, há um distanciamento de compreensão e vivência da profissão como uma práxis. Entendemos isso como algo importante a se levar em conta pelas nossas entidades ao pensarem os eventos.

Neste sentido também, infere-se que os profissionais, mesmo aqueles que afirmam entender a importância dos espaços promovidos pelas entidades, têm dado

preferência por participar de eventos direcionados à sua área, de viés multiprofissional e interdisciplinar. Não achamos que isto seja prejudicial, até porque, assim como os espaços promovidos pelas entidades (e vários desses temáticos também o são), é forma de atualização e possibilidade de aprimoramento.

Porém, ressaltamos a importância de se ter espaços direcionados à categoria profissional, a fim de aprofundar-se em questões privativas do Serviço Social. A diferenciação que realizamos entre os eventos promovidos pelas entidades e demais eventos de caráter interdisciplinar é a possibilidade de vivência política e aproximação com discussões acerca da própria profissão, para além da reflexão teórica e aprofundamento em conhecimento encontrado em ambos.

Nos principais espaços promovidos pelas entidades da categoria encontramos: No CBAS, uma diversidade de reflexões acerca da atuação e cotidiano profissional em que se tem o maior número de assistentes sociais brasileiros em um mesmo evento; no ENPESS, um espaço político-científico de viés acadêmico, com temáticas que abordem principalmente a formação, o aprimoramento intelectual e os novos conhecimentos construídos no Serviço Social; e o Encontro Nacional do Conjunto CFESS-CRESS como forma de organização coletiva e espaço deliberativo da categoria. Faz-se necessário o entendimento da natureza de cada evento para que assim se entenda sua importância em meio aos demais eventos.

Constata-se também que a dificuldade de participação nos espaços promovidos pelas entidades se limita, muitas vezes, às diversas esferas da vida cotidiana, como vida familiar, profissional, entre outras. As dificuldades em participar frequentemente dos eventos estão relacionadas aos locais em que eles ocorrem, o que exige recursos para estadia e locomoção, o próprio custo a ser dedicado à participação e a dificuldade de encontrar tempo hábil para tanto. A condição de trabalhador assalariado aparece como limitador, já que por vezes o profissional não encontra apoio e nem possibilidade de dispensa para determinados tipos de eventos pela instituição, organização para a qual o assistente social vende sua força-de-trabalho, por meio da qual consegue recursos para sua sobrevivência.

A partir disso, entende-se a necessidade de as entidades que representam a categoria promoverem espaços que propiciem o acesso do maior número de

profissionais, levando em consideração as limitações apresentadas pela categoria, e, em meio a elas criar condições de incluir a maior quantidade de assistentes sociais. Parece que é cada vez mais necessário que as entidades encontrem diferentes estratégias para o desenvolvimento destes espaços, diante desta realidade.

Nota-se que, apesar de alguns sujeitos incorrerem em perspectivas reducionistas acerca dos espaços, os assistentes sociais todos entendem a necessidade de estar em constante atualização, por meio de espaços que propiciem a troca de informações e capacitação. Porém, a maioria não demonstra entender os eventos promovidos pelas entidades como importantes para a reafirmação da hegemonia do projeto profissional que direciona a atuação, e talvez alguns destes nem entendam que assegurar tal hegemonia seja importante.

Alguns sujeitos não reconhecem a importância da abordagem da dimensão ético-política nas discussões, de modo a considerar as dimensões teóricometodológica e técnico-operativa suficientes na reflexão acerca do cotidiano profissional. Entendemos que esta percepção pode ter suas influências no cotidiano sem reflexão ao qual o assistente social está sujeito, já que em meio ao contexto atual em que se dá o trabalho profissional, são colocadas sobre o profissional atribuições e funções que exigem respostas rápidas e imediatas às demandas da realidade, numa lógica de produtividade, em detrimento de intervenções dotadas de viés político e que visem a emancipação dos usuários. Por outro lado, fica evidente a necessidade expressa pelos profissionais de espaços para discussão de seu cotidiano, que parece tão solitário e muitas vezes impossibilitador de vislumbrar estratégias e táticas de enfrentamento da realidade.

Diante disso, afirmamos ainda mais a importância de espaços que propiciem a suspensão da cotidianidade, no entendimento da necessidade de a atuação profissional se dar de forma qualificada. Espaços que para além de propiciar a reflexão teórica, também propiciem a possibilidade da vivência política. Sobre essa vivência, concordamos com GUERRA (2012) quando afirma que:

[...] não obstante esta tendência de mera repetição do cotidiano, há os profissionais que mesmo não retornando à universidade têm uma intervenção social, militância política e até partidária, e nesses contextos refletem sobre sua prática profissional. Estes são momentos de suspensão com o cotidiano profissional, de elevação e

estabelecimento de vínculos humano-genéricos, condições de possibilidades para a genericidade. Estes podem não analisá-la do ponto de vista acadêmico, mas pensam-na em termos de relevância social, de suas implicações sociopolíticas, de modo a ter claros valores e princípios, bem como o projeto de sociedade que o orienta. (GUERRA, 2012: 53)

Esta suspensão com o cotidiano profissional tem sua importância afirmada quando se entende o cotidiano da atuação em Serviço Social denso de contradições e limitações em que se dá a necessidade de resistência e possibilidades frente os desafios e possibilidades existentes na necessidade em se dar respostas às diversas formas de se manifestar da questão social. A intenção é a de que a participação nos espaços promovidos pelas entidades de organização da categoria se constituam como forma de enfrentamento, na busca de uma atuação profissional qualificada, que vise a garantia de acesso aos direitos da classe trabalhadora e que se norteie pelos princípios defendidos pela categoria profissional, representada pelas entidades de organização.

Por meio desta atuação qualificada, o trabalho profissional aponta para a vida, com liberdade e qualidade de condições. Um Serviço Social que aponte para a contribuição com a ruptura com o capital em vista de uma nova ordem social é possível, se por meio das ações empreendidas no cotidiano e da vida social tiver afirmada esta direção. Que a defesa da beleza da vida em abundância seja a nossa força na busca por uma humanidade plena de sentido.

REFERÊNCIAS

ABREU, A. C. M. A Política Nacional de Fiscalização do Conjunto CFESS-CRESS: avanços e particularidades. *In: Revista Inscrita: Edição Especial: 50 anos do CFESS*. Ano 9. Nº 13. CFESS (org.), novembro de 2012.

BARROCO, M. L. S. **Ética e Serviço Social: Fundamentos Ontológicos**. 8ª ed. São Paulo, Cortez, 2010.

BARROCO, M. L. S., TERRA, S. H. **Código de Ética do/a Assistente Social comentado**. Conselho Federal de Serviço Social – CFESS (org). – São Paulo: Cortez, 2012.

BEHRING, E. R.; RAMOS, S. R. O protagonismo da ABEPSS no passado e no presente: 30 anos de lutas. *In: 30 anos de Congresso da Virada*. Brasília, CFESS (org.), 2009.

BRASIL. **Código de Ética do/a assistente social. Lei 8.662/93 de regulamentação da profissão**. 10ª ed. Brasília, CFESS (org.), 2012.

BRAZ, M.; TEIXEIRA, J. O projeto ético-político do Serviço Social. *In: Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais*. Brasília, CFESS/ ABEPSS, 2009.

CARDOSO, P. F. G. **Havia uma ética no meio do caminho? A afirmação da necessária centralidade da ética na formação profissional dos assistentes sociais**. Tese de Doutorado. Orientação: Profª Drª Maria Carmelita Yazbek. São Paulo, PUC, 2006.

CARDOSO, P. F. G. **Ética e Projetos profissionais: Os diferentes caminhos do Serviço Social no Brasil**. 1ª ed. Campinas. Papel Social, 2013.

CARVALHO, M. C. B. O que é a vida cotidiana? *In: Cotidiano: conhecimento e crítica* / Maria do Carmo Brant de Carvalho, José Paulo Netto. – 7ª ed. São Paulo, Cortez, 2007.

CARVALHO, R.; IAMAMOTO, M. V. **Relações sociais e serviço social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica**. 40.ed. São Paulo: Cortez, 2014.

CERQUEIRA FILHO, G. **A questão social no Brasil: crítica do discurso político**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1982.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo. Atlas, 2008.

GUERRA, Y. **A dialética Causalidade e Teleologia: elementos para pensar os “Rumos da Profissão”**. In: Anais do IX Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais (CBAS) – O Serviço Social rumo ao século XXI – trabalho e projeto ético-político profissional. CFESS, Brasília, 1998.

_____. A dimensão técnico-operativa do exercício profissional. In: **A dimensão técnico-operativa no Serviço Social: desafios contemporâneos**. SANTOS, C. M., BACKX, S., GUERRA, Y. (Org.). Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2012.

HELLER, A. **O cotidiano e a História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

IAMAMOTO, M. V. **Serviço Social em tempo de Capital Fetiche**. São Paulo, Cortez, 2007.

_____. **Renovação e Conservadorismo no Serviço Social**. 10ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. “Os espaços sócio-ocupacionais do Serviço Social”. In: **Serviço Social: Direitos e competências profissionais**. Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009.

_____. O serviço social na cena contemporânea. In: **Serviço social: direitos e competências profissionais**. Brasília, CFESS/ABEPSS, 2009.

LUKÁCS, G. **História e consciência de classe**. Porto, Escorpião, 1974.

_____. **Introdução a uma estética Marxista – Sobre a categoria da particularidade**. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.

MARTINS, V. B. O enfrentamento de uma conjuntura adversa à construção de uma sociedade livre e justa. **Revista Inscrita**, Brasília, CFESS, ano 9, n. 13, 2012.

MENDES, J. M. R. **As associações profissionais de Serviço Social e a articulação latino-americana: a perspectiva da ABEPSS**. Temporalis. Ano 4, nº 7 (janeiro/junho de 2004) – Articulação Latino-Americana e Formação Profissional. Porto Alegre: ABEPSS, 2004.

NETTO, J. P. **Capitalismo e reificação**. São Paulo, Livraria Editora Ciências Humanas, 1981.

_____. A construção do projeto ético-político do Serviço Social frente à crise contemporânea. In: **Capacitação em Serviço Social e política social. Módulo I: Crise contemporânea, questão social e Serviço Social**. Brasília, CEAD, 1999.

_____. **Cinco notas a propósito da “questão social”.** *In:* Temporalis /ABEPSS 3. Brasília: ABEPSS, Graflin, 2001.

_____. Para a crítica da vida cotidiana. *In:* **Cotidiano: conhecimento e crítica** / Maria do Carmo Brant de Carvalho, José Paulo Netto. – 7ª ed. São Paulo, Cortez, 2007.

RAICHELIS, R. **O assistente social como trabalhador assalariado: desafios frente às violações de seus direitos.** Revista Serviço Social e Sociedade, São Paulo, Cortez, n. 107, 2011.

RAMOS, S. R. **A mediação da organização política na (re)construção do projeto profissional: o protagonismo do Conselho Federal de Serviço Social.** Tese de doutorado em Serviço Social. Recife, UFPE, 2005.

YAZBEK, M. C. “Introdução: O Serviço Social e o movimento histórico da sociedade brasileira”. *In:* CRESS/SP (org.). **Legislação brasileira para o Serviço Social: coletânea de leis, decretos e regulamentos para instrumentação da(o) assistentes social.** 3ª ed. São Paulo, CRESS/SP, 2007.

—

Apêndice A Roteiro para o questionário

TCC: “A participação dos assistentes sociais nos espaços promovidos pelas entidades da categoria”

Questionário Online

PERFIL

Nome

- 1) Data de Nascimento
- 2) E-mail 3) Onde estudou?
- 4) Quando se formou?
- 5) Após a graduação, fez alguma pós?
- 6) Há quanto tempo atua?
- 7) Onde trabalha atualmente? 8) Há quanto tempo?

SOBRE A PARTICIPAÇÃO

- 9) Já participou de algum espaço promovido pelas entidades da categoria?
- 10) Se sim, marque a alternativa: (podendo marcar mais de uma) a- ENPESS
b- CBAS
c- Encontro Nacional do Conjunto CFESS/CRESS
d- Nunca participei de um espaço promovido pelas Entidades da Categoria e- Outro(s). Qual(is)?
- 11) Quantas vezes? Qual o último?
- 12) Já participou de algum outro espaço não promovido pelas entidades da categoria?
- 13) Se sim, quais? Quantas vezes? Qual o último?
- 14) O que você acha dos espaços promovidos pelas entidades da categoria? a- Nunca fui, mas dizem que é bom. b- Nunca fui e não tenho o interesse de ir. c- Já fui e gostei. d- Já fui mas não gostei. e- Nunca tinha ouvido falar desses eventos. f- Outra:
- 15) Encontra dificuldades para participar desses espaços?

16) Se sim, assinale a(s) alternativa(s) que te contemple(m):

- a- Preço muito alto a ser pago para participar; b- Não consigo dispensa no trabalho;
- c- As cidades em que acontecem os eventos são muito distantes;
- d- Não consigo achar tempo para participar; e- Não fico sabendo quando eles ocorrem f- Não encontro dificuldades g- Outra:

17) Sobre a importância que você dá para a participação desses espaços promovidos pelas entidades, assinale a alternativa que te contemple:

- a- Extremamente Importante
- b- Muito Importante c- Importante d- Pouco Importante e- Nada importante

18) Por quê?

19) Como você avalia esses espaços na relação com seu cotidiano de trabalho? a- Propiciam elementos que contribuem para esse cotidiano. b- Estão distantes da realidade do meu cotidiano. c- Nunca participei, logo, não consigo avaliar. d- Outra:

Apêndice B Roteiro para a entrevista

—

I. IDENTIFICAÇÃO PESSOAL:

Nome

**II. COMPREENSÃO E OPINIÃO SOBRE OS EVENTOS ORGANIZADOS
PELAS ENTIDADES DA CATEGORIA E RELAÇÃO COM A ATUAÇÃO
PROFISSIONAL**

1. Já participou de eventos organizados pelas entidades da categoria? Se sim, qual (quais)?
2. O que acha desses eventos?
3. Em sua opinião, se relacionam ou não com sua atuação profissional? Por quê?
4. Em sua opinião, sua atuação dá conta de dar respostas ao cotidiano?
5. Você acha que o Projeto Ético-Político, que direciona a atuação profissional do Serviço Social nos últimos 25 anos, se expressa nas discussões destes espaços?
6. Este Projeto faz sentido no cotidiano de seu trabalho profissional?
7. Pergunta aberta:
Comente um pouco sobre os eventos, se fortalecem ou não sua atuação.
Fique à vontade para acrescentar algo mais.

—

Apêndice C modelo de TCLE do questionário online

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Convidamos o(a) Sr(a) para participar do Trabalho de Conclusão de Curso “A participação dos assistentes sociais supervisores de estágio da UNIFESP nos espaços promovidos pelas entidades da categoria”, sob a responsabilidade da pesquisadora Profa. Priscila Fernanda Gonçalves Cardoso e da estudante Leticia Justino do Nascimento, o qual pretende entender a participação dos Assistentes Sociais supervisores de estágio da UNIFESP que atuam na cidade de Santos/SP nos espaços promovidos pelas entidades da categoria nos últimos 25 anos e os impactos desta participação para sua atuação profissional.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de um questionário online, cujo preenchimento durará cerca de vinte minutos. Não existem riscos previstos decorrentes de sua participação na pesquisa. Se você aceitar participar, estará contribuindo para o debate acerca da participação dos assistentes sociais nos espaços promovidos pelas entidades de organização da categoria e para o entendimento das opiniões e compreensão dos assistentes sociais quanto ao impacto desta participação para sua atuação profissional.

Se depois de consentir em sua participação o(a) Sr(a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O(a) Sr(a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo, a não ser que queira que a mesma seja revelada, o que só ocorrerá com seu consentimento por escrito. Para qualquer outra informação, o(a) Sr(a) poderá entrar em contato com a pesquisadora no endereço: Rua Silva Jardim, 136 - Santos /SP e pelo telefone (13) 3371-3316, ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa - (CEP), localizado na Rua Botucatu, 572 - 1º andar – cj.14, TEL: 55 (11) 5571-1062, FAX: 55 (11) 5539-7162 - E-mail: cepunifesp@unifesp.br.

A resposta ao questionário online será considerada a assinatura deste TCLE.

Consentimento Pós-Informação

Eu, _____, acredito ter sido suficientemente informado(a) sobre o que a pesquisadora pretende fazer e porque precisa da minha colaboração. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo e os procedimentos a serem realizados, bem como as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro, também, que minha participação é isenta de despesas. Portanto, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada, que posso sair quando quiser e que a resposta ao questionário online será considerada a assinatura deste TCLE.

Apêndice D modelo de TCLE das entrevistas

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Convidamos o(a) Sr(a) para participar do Trabalho de Conclusão de Curso “A participação dos assistentes sociais supervisores de estágio da UNIFESP nos espaços promovidos pelas entidades da categoria”, sob a responsabilidade da pesquisadora Profa. Priscila Fernanda Gonçalves Cardoso e da estudante Leticia Justino do Nascimento, o qual pretende entender a participação dos assistentes sociais supervisores de estágio da UNIFESP que atuam na cidade de Santos/SP nos espaços promovidos pelas entidades da categoria nos últimos 25 anos e os impactos desta participação para sua atuação profissional.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de uma entrevista, que durará cerca de 1 (uma) hora. Não existem riscos previstos decorrentes de sua participação na pesquisa. Se você aceitar participar, estará contribuindo para o debate acerca da participação dos assistentes sociais nos espaços promovidos pelas entidades de organização da categoria e para o entendimento das opiniões e compreensões dos assistentes sociais quanto ao impacto desta participação para sua atuação profissional.

Se depois de consentir em sua participação o(a) Sr(a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O(a) Sr(a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo, a não ser que queira que a mesma seja revelada, o que só ocorrerá com seu consentimento por escrito. Para qualquer outra informação, o(a) Sr(a) poderá entrar em contato com a pesquisadora no endereço: Rua Silva Jardim, 136 - Santos /SP e pelo telefone (13) 3371-3316, ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa - (CEP), localizado na Rua Botucatu, 572 - 1º andar – cj.14, TEL: 55 (11) 5571-1062, FAX: 55 (11) 5539-7162 - E-mail: cepunifesp@unifesp.br.

Esse termo será assinado em duas vias, sendo que uma ficará junto com o(a) Sr(a).

Consentimento Pós-Informação

Eu, _____, acredito ter sido suficientemente informado(a) sobre o que a pesquisadora pretende fazer e porque precisa da minha colaboração. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo e os procedimentos a serem realizados, bem como as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro, também, que minha participação é isenta de despesas. Portanto, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pela pesquisadora, ficando uma via com cada um(a) de nós.

Data:

—

Assinatura do(a) participante

Assinatura da pesquisadora